

Poster: Uma equipe de muito charme

SETEMBRO 1989

Entrevista:
Waldemar Mariz de Oliveira Jr.

Nº 65

SÃO PAULO

NOTÍCIAS

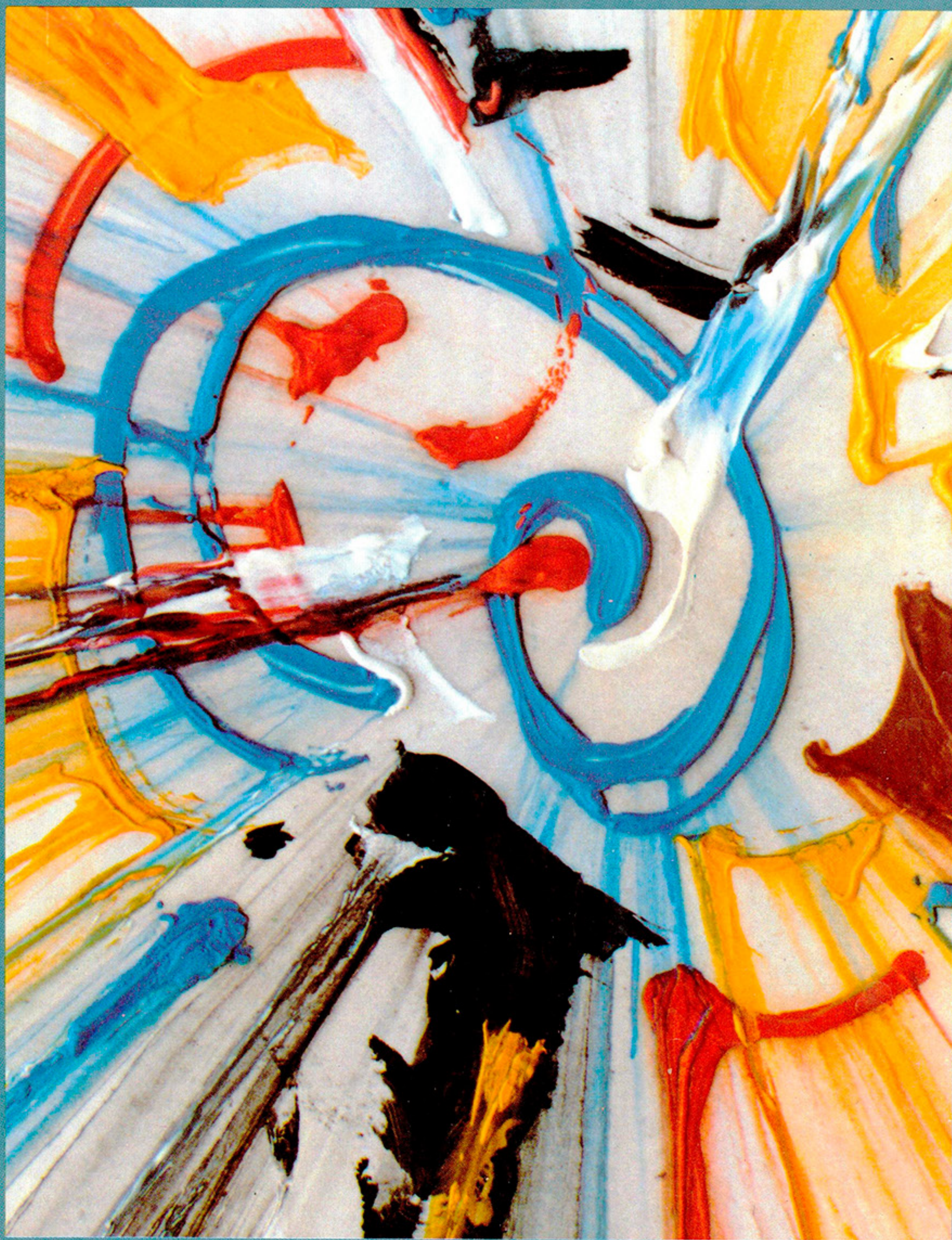
LEÔNIDAS DA SILVA
**Os 76 anos
do Homem da
Bicicleta**



**Carlos Alberto
monta um novo
padrão de jogo**

**Juca Chaves:
a paixão maior
que o nariz**

F I C H A T R Í P L I C E



G R Â F I C A E P A P E L A R I A



R. FRADIQUE COUTINHO, 1433 (011) 210-6144 V. MADALENA

LGO. SÃO FRANCISCO, 12 (011) 34-4099 36-7276 CENTRO

Legendas Sãopaulinas

A homenagem que a nossa revista rende, nesta oportunidade, a Leônidas da Silva, ao ensejo do transcurso de seus 76 anos de idade, é, para os sãopaulinos, a oportunidade de evocar um dos maiores atletas brasileiros de todos os tempos e talvez a figura maior de jogador que já envergou a gloriosa camisa tricolor.

Leônidas justificou amplamente a fama que alcançou como futebolista e que transpôs as nossas fronteiras numa época em que o Mundo ainda não era a aldeia global a que ficou reduzido após o advento da Era das Comunicações. O **Homem Borracha**, o **Rei da Bicicleta**, o **Diamante Negro** foram alguns dos cognomes que a crônica esportiva e a paixão dos torcedores fizeram aderir ao seu nome, na tentativa de individualizá-lo em sua arte que pairou, solitária, acima dos melhores de seu tempo.

O São Paulo FC, que teve o descortino do momento de adquirir o seu passe e ir buscá-lo, em 42, no Rio de Janeiro, para reforçar o seu elenco, deve muito a esse craque extraordinário que puxou a decolagem de nossa equipe, na década de 40. Graças ao esquadrão portentoso que logramos montar então - e no qual ponti-



ficou a legendária figura de Leônidas da Silva - o São Paulo multiplicou a sua popularidade e conquistou, definitivamente, uma incalculável massa de torcedores.

A nossa dívida com craques como Leônidas e outros de seu quilate que figuraram em nossas equipes ao longo desses anos, é impagável. Todas as oportunidades serão os momentos para prestarmos a eles o carinho do nosso reconhecimento.

Nesta edição, a entrevista com o jurista e magistrado, Dr. Waldemar Mariz de Oliveira Jr., Conselheiro Vitalício e torcedor apaixonado, que vive o São Paulo desde menino, há mais de 50 anos.

O depoimento do Dr. Mariz é uma forma viva de recuperação da história do nosso Clube, plasmada no imaginário de nossos afeiçoados ao longo dos anos. Ele é um exemplo, entre muitos homens cultos e de grande estatura que, tocados pela paixão, vieram vivenciar a intimidade do São Paulo FC para enriquecê-la com suas experiências e com suas luzes.

O Dr. Mariz de Oliveira Jr. deixou a marca de sua inteligência e de seu saber jurídico na elaboração de nossos Estatutos, alicerces do sólido desenvolvimento de nossa Entidade.

Por fim, um registro triste: o passamento de **Filhinha**, uma mulher simples e de imensa generosidade, que simbolizou a vibração apaixonada do torcedor anônimo das arquibancadas. Dotada de coragem e de força invulgar, **Filhinha** direcionou ao São Paulo toda a sua paixão pelo futebol. E foi tão notório o seu amor pelo **Mais Querido** que ela recebeu, com inteira justiça, o título perpétuo de **Torcedor Símbolo**.

Descanse em paz, brava **Filhinha**!

Juvenal Juvêncio

Correio



Adhemar vale ouro!

Sr. A reportagem com Adhemar Ferreira da Silva, o grande campeão de salto triplice revelado ao mundo pelo São Paulo FC, foi uma homenagem, para mim, justíssima a es-

se atleta extraordinário que defendeu com tanto brilho o Brasil nas competições internacionais. Sempre ligado ao esporte, continua, ainda hoje, a lutar pela promoção e estruturação da prática desportiva em nosso País, especialmente nas modalidades que ainda escapam ao profissionalismo e, talvez por isso mesmo, não têm amparo ou estímulo quer do governo, quer de entidades privadas. O São Paulo que lançou Adhemar, sob a orientação do velho Gerner, é um dos poucos Clubes brasileiros que continuam a bancar modalidades como a corrida de fundo, nas quais vem obtendo, apreciáveis vitórias. Parabéns, Adhemar Ferreira da Silva, grande atleta que inscreveu as duas estrelas de ouro em nossa bandeira! **Atílio Moreira Santos, Capital.**

Vencedor Predestinado

Sr. É sempre gratificante para os sãopaulinos rever as figuras místicas do Clube como o Dr. Henri Aidar, um homem que conduziu o São Paulo com a paixão de torcedor e, por isso mesmo, levou o time das três cores gloriosas a tantos triunfos maiúsculos, como o título de campeão brasileiro que conquistamos com raça em pleno Mineirão. Naquele dia, mesmo à distância, os sãopaulinos sabiam que tinham em campo, lutando bravamente, jogadores e dirigentes. A vontade de vencer infundida com tanta habilidade naquela equipe que jamais se alinhou entre as melhores formações do São Paulo foi talvez o fator mais importante naquela histórica vitória. E o dr. Henri, um homem predestinado a vencer, teve muito, muito mesmo, a ver com essa conquista. É

sempre confortante ouvir as suas palavras lúcidas e de grande sabedoria. **Ranulfo Bentes, São Caetano do Sul, SP.**

O velho Gino Orlando

Sr. Parabênz SPN pela ótima reportagem com o nosso Gino Orlando, o centroavante que tantos gols propiciou ao São Paulo durante os anos em que figurou no comando do ataque tricolor. Por modéstia, ele diz que jamais foi homem de tratar a bola com carinho e afagos. É verdade. Concordo. Mas para que um goleador como ele iria ficar perdendo tempo em carícias com a bola, se o seu ofício era atirá-la com força e violência ao gol, nos espaços livres deixados pelo guarda-vala? Artilheiro não enfeita. Artilheiro entra na área para decidir. E Gino decidia, mesmo. **Cripriano Giusto, Sorocaba, SP.**

SÃO PAULO

Presidente do Conselho Deliberativo: Carlos Miguel Castex Aidar. **Presidente do Conselho Consultivo:** Carlos Ferraz. **Presidente do Conselho Fiscal:** Ivan Gamba Natel. **Presidente da Diretoria:** Juvenal Juvêncio. **Vice-Presidente:** José Celestino Bourroul. **Diretor Secretário Geral:** Valter Maria Pereira. **Diretor Administrativo:** Paulo Elysio de Andrade. **Diretor Financeiro:** Fernando de Souza Toledo. **Diretor de Planejamento e Controle:** Chafik Rayes Jr. **Diretor de Futebol:** Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa. **Diretor Jurídico:** Carlos Augusto Barros e Silva. **Diretor de Esportes Amadores:** Édson Francisco Lapolla. **Diretor Social:** José Francisco Alarcão Neto. **Diretor de Manutenção:** José Carlos Brandileone. **Diretor de Marketing:** Eloy Simões. **Diretor de Obras:** Gabriel Aidar Aouchar. **Grupo Executivo:** Eloy Simões, Laerte Fernandes e Luiz Carlos Ramos. **Redatora:** Vera Helena Rodrigues. **Colaborador:** João Prado. **Jornalista responsável:** Tônia Azevedo (MTb 17.774). **Estagiários:** Marcelo Civitati e Denis Borghi. **Fotos:** Arnaldo Fiaschi. **Produção Gráfica, Composição, Fotolito e Impressão:** Ficha Tríplice Gráfica e Papelaria Ltda. Rua Fradique Coutinho, 1433 - Telefone 210-6144. Redação e Publicidade: Estádio Cícero Pompeu de Toledo, Praça Roberto Gomes Pedrosa, Jardim Leonor, CEP 05653 - Caixa Postal 1901 - Telefone 842-3377 (PABX).

Vestiários Reformados



Os juizes, os times visitantes e os jogadores das equipes preliminares terão, a partir de agora, maior conforto no Estádio do Morumbi. O São Paulo acaba de concluir a re-

forma completa de mais três vestiários, ampliando ainda mais a infra-estrutura do 'Cícero Pompeu de Toledo', que o Presidente Juvenal Juvêncio espera entregar aos usuários



totalmente remodelada e modernizada, ao final de seu primeiro biênio.

Para viabilizar tecnicamente a reforma dos vestiários que ficam sob parte das gerais,

foi necessária a recuperação de alguns lances da estrutura de concreto naquele setor, onde havia infiltração. A reforma inclui a remodelação dos corredores e túneis (fotos).

Campeonato de funcionários

Com a participação de dez equipes, em dois grupos, reunindo 88 disputantes, prossegue o Campeonato Interno de Futebol de Salão dos Fun-

cionários do São Paulo FC. Os jogos são às segundas-feiras, folga do Clube. A final está prevista para o dia 2 de outubro.

CBF agradece

O Presidente da CBF, Ricardo Terra Teixeira enviou telegrama ao Presidente Juvenal Juvêncio agradecendo as providências que o Clube tomou para assegurar uma perfeita infra-estrutura no jogo Brasil x Venezuela. "Não pos-

so deixar de agradecer, sensibilizado, - disse Ricardo Teixeira em seu telegrama - a homenagem que me foi prestada pelo São Paulo Futebol Clube, pujante associação paulistana, admirada por sua impecável organização".

Novos Uniformes

Idealizado por D. Angelina Juvêncio, já está em uso o uniforme das funcionárias do Clube. As moças que trabalham na recepção, secretarias e demais setores da área administrativa estão ostentando o elegante uniforme (foto), aliás, uma antiga aspiração, de todas elas.



Título Jr.

Se você quer dar um presente de bom-gosto a seu filho e que, ainda, dure para sempre, então, não há dúvida: Ofereça-lhe um título Júnior do São Paulo FC.

Ao completar 18 anos, o menino perde o direito de frequentar o Clube como dependente e, a partir de agora, também a menina terá seu limite de tempo diminuído, pois se antes podia utilizar o título de seus pais até se casar, pelas novas determinações só poderá fazê-lo até os 25 anos.

Por isso o Tricolor está oferecendo o título Júnior que custa 50% menos que o Patrimonial e quando os garotos ou garotas se casarem passará automaticamente a ser familiar, dando direito à mulher ou ao marido, assim como aos filhos, de usufruírem dos benefícios.

Maiores informações no Departamento de Marketing pelo telefone; 842-3377, ramal 148.



SERRÃO
Organização de Despachos S/C Ltda.

**ORGANIZAÇÃO SERRÃO DE
DESPACHOS S/C LTDA**

Inaugurada em Agosto
Zé Carlos Serrão
(ex-técnico do SPFC)
atendendo aos amigos do SPFC
Av. Giovanni Gronchi nº 3107
05651 - Jd. Leonor - Morumbi
Fone: 843-7690 - São Paulo/SP

WALDEMAR MARIZ DE OLIVEIRA JR.

Um Magistrado Sãopaulino

O jurista e desembargador, Dr. Waldemar Mariz de Oliveira Jr., costuma dizer com uma ponta de orgulho que é sãopaulino desde o primeiro minuto de vida, há 66 anos, portanto. 'Na família Mariz de Oliveira todos nascem sãopaulinos. E posso afirmar que até hoje não se registrou nenhum caso de desvio', afirma sorrindo.

Testemunha da história do São Paulo FC há 55 anos, quando foi ao estádio pela primeira vez, aos 11 anos, em 1934, e viu o legendário Friedenreich marcar o gol na célebre vitória de 1 a 0 do São Paulo FC da Floresta sobre o Palestra Itália, num jogo que os sãopaulinos apelidaram de 'Sinfonia Inacabada', já que o predomínio do São Paulo naquela partida merecia uma vitória por goleada. Desde então jamais se afastou dos estádios.

Advogado militante durante 34 anos, foi nomeado Juiz do Segundo Tribunal de Alçada em 79 e desembargador do Tribunal de Justiça, em 83. Foi presidente e conselheiro da Associação dos Advogados e Secretário da Justiça de São Paulo de 73 a 75 e Secretário Interino da Segurança Pública, em 74, na gestão Laudo Natel.

É professor de Direito Processual Civil e de Direito Civil, tendo escrito várias obras jurídicas de relevo, dentre as quais uma Teoria Geral do Processo Civil. Nesta entrevista a SPN o Dr. Waldemar Mariz de Oliveira Jr. relembra episódios do São Paulo FC que vivenciou como torcedor e como conselheiro.

SPN - O Sr. é sãopaulino, de uma família de sãopaulinos?

WMO - Sim. Nasci sãopaulino, como meu filho, de dez anos, é também sãopaulino de nascimento. É uma tradição: na família Mariz de Oliveira só nasce sãopaulino...

SPN - Quando começou a viver a condição de sãopaulino?

WMO - Desde muito menino, quando passei a viver também as boas coisas da vida... (risos). Mas o primeiro jogo a que assisti foi em 34 e justamente aquele célebre jogo contra o Palestra, que os sãopaulinos apelidaram de '**sinfonia inacabada**'. Vencemos de 1 a 0 com aquele gol espetacular marcado por Friedenreich. Mas o time jogou tão bem que merecíamos muito mais. Por isso os torcedores do São Paulo chamaram o jogo de '**sinfonia inacabada**'... Não podia ter tido melhor estréia nos estádios...

SPN - Por que os sãopaulinos comemoram tanto a vitória nesse jogo?

WMO - Primeiro, porque vencemos um adversário que se considerava muito forte e que se preparava para ser campeão invicto. O Palestra pôs a faixa, mas nós quebramos a série sem derrota com que eles pretendiam atravessar o campeonato. Provamos também que ninguém é invencível e que o São Paulo, que acabara de perder alguns de seus melhores jogadores e estava desfalcado dos convocados pela Seleção Brasileira daquele ano, tinha forças para se recompor. Foi por essa época que perdemos Hércules, Waldemar de Brito, Jurandir, Agostinho, Argemiro, Luizinho e outros. Infelizmente, o São Paulo FC dessa primeira fase da Chácara da Floresta não pôde vencer as dificuldades e acabou absorvido pelo CR Tietê.

SPN - Por que ocorreu esse 'êxodo' de jogadores então?

WMO - Porque o Rio de Janeiro se tornou, nessa época, uma

espécie de Itália, hoje. O profissionalismo, no Rio, se instalou com mais força. Em São Paulo o processo foi mais lento e estávamos, ainda, naquela fase entre o amadorismo marron e o profissionalismo. Os nossos jogadores foram atraídos pelas luvas e ordenados polpudos.

SPN - Mas esse 'eldorado' carioca não durou, parece. A maioria dos jogadores paulistas acabou voltando.

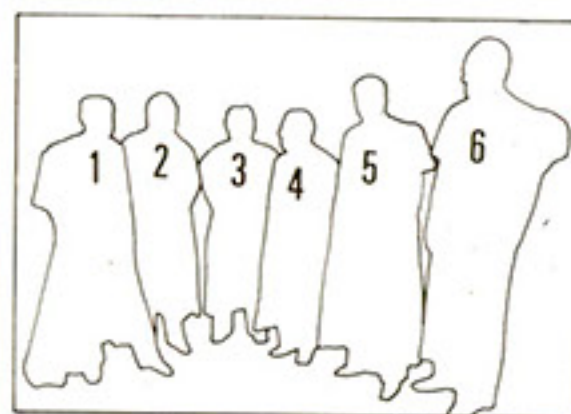
WMO - Não foi tão depressa assim, mas voltaram. O Iracino voltou. O Hércules, por exemplo, só voltou depois da Copa de 38.

SPN - O Sr. falou de um São Paulo desfalcado, em 34. Mas, em 38, o Tricolor, que ressurgira em dezembro de 35, tinha sido revitalizado com a fusão com o Estudante Paulista que, por sua vez, resultara da fusão do Estudantes de São Paulo com o CA Paulista, que tinha o seu estádio na Rua da Mooca.

WMO - Perfeito. A fusão com o Estudante Paulista foi importantíssima para o São Paulo FC. Ganhamos do antigo Estudantes de São Paulo dirigentes e jogadores de primeira linha e, do antigo CA Paulista, um estádio excelente, na Mooca. A fusão com o Estudante Paulista foi benéfica para o São Paulo. Foi, a meu ver, a alavancagem para a consolidação do time e, por consequência, do Clube, na década de 40.

Em 38, por exemplo, fortalecidos com a fusão, chegamos ao vice-campeonato. Só não fomos campeões por um erro do juiz. O jogo final foi no Parque São Jorge, no Estádio do Corinthians. Eu tinha 15 anos e fui de bonde ao campo com um terno branco, engomado. O São Paulo abriu a contagem com um gol de Mendes. Mas logo a seguir sobreveio uma chuva torrencial, impiedosa, que obrigou a suspensão do jogo. Conforme a prática, naquele tempo, o restante da partida foi disputado no mesmo campo, com portões





O desembargador Mariz de Oliveira Jr. com um grupo de colegas, no Tribunal de Justiça de São Paulo; todos são paulinos. Desembargadores Brenno Rubem Marcondes(1); Waldemar Mariz de Oliveira Jr.(2); Paulo Cássio Egydio de Carvalho(3); Renato Torres de Carvalho Filho(4); Aloysio Alvares Cruz(5) e Alcebiades da Silva Minhoto Jr.(6).

abertos ao público, na terça-feira seguinte. Foi então que ocorreu o gol de empate do Corinthians, que lhe deu o título paulista de 38, um gol de Carlito ('Mãozinha de Ouro'), marcado escandalosamente com a mão.

SPN - Qual era a formação do São Paulo pós-fusão?

WMO - Era um time forte que atuava com Pedrosa, Agostinho e Iracino; Fierotti, Ponzonbino e Lysandro. Mendes, Armadinho, Eliseo, Araquém e Paulo. O Eliseo, que foi nosso artilheiro, era um centroavante que vinha do CA Paulista e chegou ao São Paulo FC após duas fusões: uma primeira do CA Paulista com o Estudantes de São Paulo e, depois, em 38, com a fusão do clube resultante dessa primeira fusão, o Estudante Paulista, com o São Paulo FC.

SPN - Em quantas fases o sr. divide a história do São Paulo?

WMO - Sem querer segmentar demais a nossa trajetória, acho que houve pelo menos cinco fases. A primeira, a do São Paulo FC da Chácara da Floresta, na Ponte Pequena. Ali, o São Paulo FC surgiu da extinção do departamento de futebol do CA Paulistano, em 1930, se estabeleceu após a fusão com a AA Palmeiras, de quem recebeu o preto que, aderindo ao branco e vermelho que o São Paulo herdara do Paulistano, formou a tricolor famosa, a mesma da bandeira do Estado de São Paulo. A segunda fase, que eu chamaria de heróica, se iniciou em dezembro de 35, quando o São Paulo FC foi refundado, após desaparecer por breve tempo do cenário esportivo paulista. A mística que já começara a formar-se em torno do São Paulo FC era muito forte e, mesmo despojado de seu espaço e de seu patrimônio na Chácara da Floresta, a idéia do São Paulo continuava viva e grandiosa. Apesar da força da idéia, o São Paulo, nesse momento, não era mais do que 11 camisas e só andou graças a um bravo grupo de abnegados, estóicos, como Porfírio da Paz, Frederico Menzen e outros. Essa segunda fase, claudicante, termina em 38, com a absorção pelo São Paulo do Estudante Paulista. Recebemos então um grupo de dirigentes da melhor qualidade, a maioria do meio acadêmico, como Décio Pacheco Pedrosa, Piragibe Nogueira; jogadores extraordinários e as magníficas instalações da Rua da Mooca que pertencera originalmente ao CA Paulista. A terceira fase, que se inicia em 38, consolidou-se em 40 com a montagem de um grande time de futebol e a cristalização da idéia do grande patrimônio, como base de tudo. A compra das instalações da antiga Associação Atlética Alemã foi o primeiro grande passo para isso. A quarta fase, para mim, foi concebida ainda no Canindé e se concretizou com a construção do Morumbi. Foi um período difícil, de muito trabalho e incertezas, que só a determinação de homens como Cícero Pompeu de Toledo, Laudo, Piragibe, Manoel Raymundo e tantos outros poderiam levar adiante. A quinta fase é a que vivenciamos depois da inauguração do Morumbi, em 70. É a fase dos grandes esquadrões e da efetivação do São Paulo como time de chegada. Concluído o Estádio, cumpriu-se a predição de Laudo Natel: o palco estava pronto, cabia ao São Paulo dar espetáculos. E foi, realmente, o que se viu. E, se a década de 70 foi um auspicioso prenúncio, a de 80 foi uma década predominantemente tricolor. Foi quase uma década hegemônica, por assim dizer. Nos anos 80, o São Paulo se consagrou de todas

as formas.

SPN - E o São Paulo, hoje, em relação a 70?

WMO - No futebol, continua como um time de primeira linha, que sempre disputa as finais. Como Clube, desdobra-se em múltiplas facetas e afirma-se, também, como Clube poliesportivo. Esta é a verdade. No plano interno, noto grandes mudanças entre a década de 70, quando atuei como Presidente do Conselho Deliberativo, e os agitados anos 80. Antes, tínhamos o consenso e a paz da harmonia, da fina convivência entre cavalheiros que, embora divergentes em muitos pontos, jamais permitiram que a discordância fizesse as regras do trato social e do respeito entre os membros da mesma grei. Felizmente o bom senso predominou e a fase difícil foi ultrapassada. Espero que no grande teste das próximas eleições, em abril próximo, possamos ter as divergências de sempre, próprias de todo grupamento humano, mas expressas em níveis elevados e num clima de respeito. Estou otimista e certo de que se todos derem a sua contribuição a desejável paz interna sobreviverá a mais esse embate.

SPN - Voltando à história do São Paulo, o Sr. concorda que na fusão com o Estudante Paulista se reagrupam, sob a égide do São Paulo, em 38, grupos dispersos de são paulinos desde a extinção do São Paulo FC da Floresta?

WMO - Não há dúvida. Essa também é a minha tese. Eu sempre entendi que o São Paulo da Floresta era a continuação natural do futebol do CA Paulistano. Por inspiração minha, aliás, o Estatuto do São Paulo atual, re-fundado em 35, diz que este é o sucessor das glórias do São Paulo FC da Floresta. Não há dúvida de que uma verdadeira diáspora são paulina se registra após a extinção do futebol do Paulistano, que rejeitou o profissionalismo, em 30. No Estudantes de São Paulo e nos grêmios acadêmicos de então abrigaram-se muitos são paulinos dessa diáspora temporária. E todos eles vão-se reunir, em 38, no São Paulo fortalecido com a fusão com o Estudante Paulista.

SPN - Como acadêmico de Direito, o Sr. certamente participou de manifestações políticas, sobretudo contra a ditadura Vargas. Essas manifestações ocorriam também nos estádios?

WMO - Sim, e como! Num jogo, no Pacaembu, por volta de 45, anunciaram a presença de Benedito Valadares, ministro de Getúlio. Eu estava lá junto com um colega de turma, hoje Procurador de Justiça, Dr. Nicolau Zarif. Nessa época os estudantes estavam em luta acesa contra a ditadura e eu e esse meu colega começamos a assobiar. O estádio inteiro nos acompanhou. Acho que foi uma das mais sonoras vaias recebidas por um político, num lugar público. Eram milhares de torcedores assobiando. Foi impressionante.

SPN - Por falar em Pacaembu, o Sr. assistiu ao jogo de estréia do Leônidas, em 42?

WMO - Sim. Foi um acontecimento esportivo extraordinário que colocou o São Paulo e seus dirigentes na primeira plana. Era o início da grande virada dos anos 40. Tivemos recorde de platéia jamais igualado no Pacaembu.

SPN - Como o Sr. avalia o efeito Leônidas no São Paulo?

Armando Marques
gistrado esportivo.
Em todo caso,
tir o necessário
outro são-paulino
do, porque é "pr
Conselho Delib
São Paulo F.C.)
do secretário
Valdemar Maris
Júlio



A direita, de chapéu e faixa de campeão, Mariz, o novo secretário da Justiça.

As soluções no secretariado do governador

Laudó não queria que Esther soubesse.

As alterações que o governador do Estado fez no seu secretariado revelam um esforço para conter nos limites da família Figueiredo Ferraz a crise que se esboçou, a partir da exoneração do prefeito da capital.

Oliviera Júnior, que vinha exercendo o cargo de chefe de Gabinete da Casa Civil do governo. Mariz é homem de estreita vinculação com Laudo e com Henry Aidar. Uma afinidade

Mariz é homem de estreita vinculação com Laudo e com Henry Aidar. Uma afinidade

Em 71, no Morumbi, na comemoração do bicampeonato paulista. Da esq. para a direita: Henri Aidar, Laudo Natel, Astolfo Araújo e Mariz.

Mariz com
Laudo, em abril
de 72.



SPN - O Sr. chefiou também muitas delegações do São Paulo.

WMO - Sim, muitas delas. A última foi a delegação formada para a excursão à Índia. Antes, em 70, chefei uma delegação que excursionou à Europa. Quando voltamos, o São Paulo foi campeão paulista. Na excursão à Índia, o São Paulo representou de fato o Brasil. E o fez de uma forma tão condigna que o nosso embaixador em Nova Delhi disse que nem o presidente da República representaria o País melhor. A repercussão e o interesse despertados pelo São Paulo naquele País foram tão intensos que, no intervalo de um dos jogos, dei uma entrevista de 11 minutos na TV, em cadeia nacional, quando habitualmente o primeiro-ministro Ghandi fala apenas 3 minutos. No último jogo, uma faixa imensa no campo dizia: **Bye, Bye São Paulo, nós jamais o esqueceremos.** Como chefe da delegação e como são paulino eu me emocionei até as lágrimas.

SPN - Importante, também, nessa excursão, foi a possibilidade de abertura de novos mercados para o futebol do São Paulo.

WMO - *Sem dúvida. O São Paulo desfruta de uma imagem ótima na Índia e essa excursão a ampliou muito. E essa imagem, a meu ver, se consolidou com o futebol de alto nível que mostramos lá e também pelo comportamento exemplar de toda a delegação. Todos se houveram como cavalheiros, do técnico ao último jogador.*

Certa vez eu estava chefiando uma delegação do São Paulo a Belo Horizonte e, ao sair de um restaurante, o **Maître** veio me cumprimentar. Estava admirado pelo comportamento dos jogadores do São Paulo à mesa e fazia comparações com outras delegações de grandes times brasileiros que haviam passado pela casa. É assim. O São Paulo por onde passa deixa sempre uma marca positiva.

SPN - O Sr. que acompanha o São Paulo praticamente desde as origens, como vê o futuro do Clube?

WMO - O São Paulo é hoje uma organização exemplar no futebol. Mas é, também, uma entidade poliesportiva, que estimula o atletismo e os esportes amadores em geral. Agora, com a Sede Social projetada e já iniciada pelo Presidente Juvenal Juvêncio, prepara-se para transformar-se também num pólo de difusão cultural. Embora toda a ênfase seja dada - e tenha de ser mesmo dada, pois essa é a razão de ser do Clube desde o seu surgimento - ao futebol, vejo o São Paulo FC, num futuro próximo, como uma pujante entidade poliesportiva sócio-cultural.

Eu diria que primeiro surgiu a idéia da montagem de um time forte - e o tivemos a partir da década de 40. Depois, veio a necessidade da construção de um patrimônio para dar estabilidade e sustentação ao time e ao Clube como um todo. Construído o patrimônio, o Clube estimulou o surgimento de outras modalidades esportivas entre os próprios sócios e com atletas agregados e, agora, como enfeixe dessa evolução natural, o São Paulo lança-se à edificação de uma magnífica Sede Social, com um projeto moderno e arrojado idealizado pelo arquiteto Ruy Ohtake. A próxima etapa, portanto, será a ampliação e a estimulação de uma maior convivência de nosso quadro associativo no esporte, no lazer e nas atividades propriamente culturais e intelectuais.

WMO - Leônidas foi um dos maiores fenômenos do futebol brasileiro. Alguns acontecimentos extracampo, depois da Copa de 38, lhe haviam tumultuado a carreira, no Rio. Muitos não acreditavam que ele desse certo aqui. Mas a verdade é que Leônidas teve no São Paulo as condições e o carinho que não tivera no Rio, principalmente nos últimos tempos de Flamengo. Aqui, os problemas pretéritos foram esquecidos e Leônidas pôde dar ao São Paulo - isso é indubitável - a personalidade que o time ainda não tinha. No comando do ataque, posição em que afinal se firmou, Leônidas reviveu o mito que projetara desde a Copa de 38, que lhe granjeara reputação internacional. Leônidas foi tão extraordinário como Friedenreich. Mas Leônidas veio para o São Paulo cercado de uma aura de jogador notável e de grande popularidade. E levou o São Paulo às grandes conquistas dos anos 40. É claro que tínhamos um esquadrão respeitável com Luizinho, Sastre, Rui, Pardal, Teixeira, Zarzur, Procópio, King, Bauer, Noronha e outros. Friedenreich pegou o profissionalismo no fim da carreira. Não teve tempo de dar ao São Paulo o que deu Leônidas.

SPN - O Sr. acha que Leônidas está para o São Paulo como Pelé para o Santos?

WMO - Indubitavelmente. Leônidas jogou num período alentador para o atleta profissional, um período em que o profissionalismo se consolidou no Brasil. Friedenreich, que foi também notável, não teve tantas condições favoráveis para projetar-se. Leônidas multiplicou a popularidade do São Paulo e trouxe uma legião de novos torcedores.

SPN - Quais foram, a seu ver, os grandes mitos da constelação são-paulina?

WMO - Friedenreich foi o primeiro, embora já fosse um jogador maduro ao vestir a camisa do São Paulo. Em 34 ele completou o seu jubileu como jogador. E recebeu uma grande homenagem pública, em São Paulo. Destacaria, depois, sem dúvida, o Leônidas. Mais tarde o Zizinho, também um jogador maduro e com uma rápida passagem pelo time. Eu lembraria também o Sastre; o imortal Luizinho, hoje conselheiro do São Paulo e sócio remido, um jogador exemplar. E, mais recentemente, o Gerson, o grande cérebro da equipe, no início da década de 70. Um nome não pode deixar de figurar nessa constelação: Bauer, o chamado "monstro do Maracanã", em 50.

SPN - O Sr. levou a sua experiência como jurista ao futebol e ao São Paulo, não?

WMO - *A pedido e por indicação do meu grande amigo, meu verdadeiro irmão, Henri Aidar fui advogado do Juventus junto ao Tribunal de Justiça Desportiva da Federação Paulista de Futebol e depois fui presidente do Tribunal. Minha contribuição mais expressiva talvez tenha sido nas várias comissões que se organizaram no próprio São Paulo para a modernização e atualização dos nossos Estatutos. Como conselheiro do São Paulo, presidi ao Conselho Deliberativo por 12 anos e pude ter, com a ajuda de meus companheiros, uma ação que em geral não aparece para o grande público, mas por certo contribuiu para preparar as bases do Clube forte que o São Paulo é hoje, do ponto de vista estatutário.*

CARLOS ALBERTO SILVA:

'Vamos jogar um futebol moderno!'

Um time compacto na defesa, rápido e fulminante no ataque, armado a partir de dois volantes e capaz de articular-se, progressivamente, em formações triangulares rotativas, em todo o campo, onde a bola estiver.

Assim Carlos Alberto Silva quer ver o São Paulo atuar no Campeonato Brasileiro deste ano, a primeira competição onde a equipe começará a testar a nova filosofia e o seu novo padrão de jogo.

— O fato de jogar com dois volantes, explica o técnico, não quer dizer que seremos um time defensivo. Ao contrário. Os dois volantes atuarão como pivôs, no centro das formações ora triangulares, ora quadrangulares que os jogadores desenharão em campo, de acordo com a necessidade do jogo e do desenvolvimento das jogadas.

Em verdade, pela nova concepção tática, a função básica dos dois volantes é balizar o meio-de-campo. Quando o time for atacado, partirá deles a formação de uma linha de defesa, uma espécie de barreira em reforço da linha de zaga, bloqueando os chutes a gol e, recuperada a posse da bola, partir rápido, em contra-ataques, explorando os vazios deixados pelo time contrário.

A velocidade de Mário Tilico e de Edivaldo deve puxar esses contra-ataques; os deslocamentos de Raí e Bobô buscarão criar opções para as triangulações e os passes nas proximidades e dentro da área.

Pelos flancos. Uma jogada que o time deve executar com bons resultados, segundo os testes nos treinos, será o deslocamento das faixas laterais, em rápidas triangulações. O ponta e o lateral correrão junto à linha divisória lateral, enquanto um terceiro jogador, um meia ou um dos meio-campistas seguirá a jogada,

numa linha mais interna do campo e paralelamente à lateral, sempre pronto para receber a bola, numa alternativa de jogada a ser feita sempre que a marcação adversária tentar bloquear o avanço do ponta e do lateral. Esse terceiro jogador funciona, assim, como o terceiro vértice do triângulo. Ao receber o passe, pode lançar a bola à linha de fundo para a corrida do ponta ou do lateral e, também, caso necessário, pode virar o jogo, acionando os companheiros de meio-de-campo ou o "triângulo atacante" que estará correndo pelo lado oposto do gramado.

Os ataques triangulados pelas pontas serão finalizados indiferentemente pelos pontas, pelos laterais ou por qualquer outro jogador que se desloque na posição.

As bolas centradas vão encontrar na área sempre dois ou três jogadores, no mínimo, em posição de desfechar o tiro final. Nesta zona do campo, os jogadores procurarão articular-se em triângulos, também, em que o mais avançado jogará como centroavante, seguido de perto por mais dois atletas que fecharão, simultaneamente, para o gol adversário, um pouco mais atrás, em condições de finalizar a jogada ou servir um companheiro que venha detrás.

No centro das jogadas de ataque, Carlos Alberto gostaria de ter um centroavante alto, forte, de grande impulsão e com excelente toque de bola, capaz de finalizar as jogadas ou jogar como pivô, distribuindo o jogo para os companheiros. Como os centroavantes com esse perfil não estão disponíveis no mercado interno, Carlos Alberto vem preparando Nei, que não é centroavante de origem, mas que, improvisado na posição, saiu-se bem nos jogos decisivos do último campeonato paulista.

— Nei é jogador de grande potencial. Está crescendo e vai evoluir mui-

to mais. É um jogador em formação. Gostaria de ter um centroavante já formado e de grande experiência para ter mais tempo e calma de preparar o Nei. Mas como o jogador que desejamos custaria uma soma proibitiva para a realidade do futebol brasileiro, hoje, vamos tentar apressar a preparação do Nei, trabalhando o seu aprimoramento no curso da competição. O mesmo estamos fazendo com o Paulo César. Ele irá entrando, alternadamente, no time, até que a sua maturação se complete.

Uma prova de fogo. O desafio de voltar a dirigir o São Paulo foi, para Carlos Alberto, uma autêntica prova de fogo. Ele assumiu a direção técnica da equipe em abril último, num momento em que as relações entre o ex-treinador Cilinho e os jogadores ameaçavam entrar em colapso. A incomunicação alimentava um clima tenso entre o comando técnico e os jogadores, indesejável num clube que queria ser campeão. Diante do impasse, a Diretoria dispensou Cilinho e foi buscar no Cruzeiro, em Belo Horizonte, Carlos Alberto Silva.

Ao assumir, Carlos Alberto pediu seis meses para que a equipe pudesse assimilar a nova filosofia de trabalho. O campeonato, entretanto, estava em andamento. Era preciso agir com rapidez. O treinador concebeu um 'plano de emergência', uma espécie de UTI para reabilitar o time e obter dividendos imediatos.

Dono de fina percepção, Carlos Alberto viu, de saída, que o motivo das divergências dos jogadores com Cilinho estava na deterioração do diálogo e na falta de canais capazes de operacionalizar a ação das "lideranças" do time. Longe de rejeitar a colaboração das 'lideranças',



"Quero o time forte na defesa e saindo rápido para o ataque"



Carlos Alberto: a montagem de um novo esquema de jogo.

Carlos Alberto chegou dizendo que precisava delas. Nos primeiros contatos com o elenco deixou claro que time de futebol sem lideranças fortes não pode sonhar com conquistas maiores. Jamais seria uma equipe vertebrada, como quer que o São Paulo seja.

— A situação não poderia ser melhor. Estava no ponto certo para eu atuar sobre ela e reverter o clima negativo do elenco. Comecei dizendo que os jogadores briosos e que afirmam as suas personalidades e lideranças, dentro e fora do campo, são elementos imprescindíveis, nos times que eu dirijo. Nenhuma equipe competitiva e com raça pode abrir mão de líderes.

Carlos Alberto viu logo que os chamados 'donos do time' não queriam derubar o treinador. O que pretendiam, em verdade, era expressar os seus pontos de vista. Queriam ser ouvidos. A reabertura dos canais de expressão com o elenco diluíram rapidamente as tensões dos mais impacientes, logo as ansiedades baixaram a níveis menores e um clima crescentemente participativo foi tomando conta do elenco. O time se estabilizou e os resultados ruins puderam ser revertidos. A equipe readquiriu a confiança e embalou, com apenas duas trocas: Vizolli no lugar de Bernardo e Ricardo, que recompôs o miolo da zaga.

— O clima reverteu-se totalmente. O hábito de falar francamente desini-



Um novo esquema que obriga a prática de um jogo solidário e articulado

biu as lideranças, que agora se expressam sem medo, porque sabem que o treinador e a Comissão Técnica os ouvirão com o máximo de atenção. Em alguns momentos, no último campeonato, muitos aperfeiçoamentos táticos foram feitos, com grande proveito para o rendimento do time, por sugestão dos próprios jogadores. E os méritos desses acertos foram divididos com todos, num desejável ambiente de união, que foi a chave da vitória no último campeonato paulista. Comigo todos são ouvidos e estimulados a falar. Eu quero cada vez mais líderes no time, participando lealmente como homens e como jogadores. Uma liderança que quero ver influenciando mais no time é o Bobô. Até agora ele só pôde render 40% dos 70% que atingiu no EC Bahia. Agora ele vai evoluir rapidamente até atingir o estágio a que chegou no time baiano. E não vai parar aí. Bobô é um jogador em ascensão e logo atingirá a sua plenitude. O São Paulo será altamente recompensado. E Bobô é um grande líder também. Eu o fustigo para que exerça em campo a sua grande liderança. E suas respostas são crescentes...

A filosofia de Carlos Alberto Silva resume-se, segundo ele, num trabalho aplicado e perseverante na preparação do time com técnica, força, moral e espírito vencedor. Quando esse espírito impregna a equipe, estabelece-se, segundo o treinador, uma tal solidariedade no grupo que as vitórias são apenas decorrência natural.

— Para vencer, sublinha o treinador, é preciso antes de mais nada querer vencer. É isso que procuro incutir na cabeça dos jogadores que dirijo. Eu sou um vencedor, mas não nasci vencedor. Eu me fiz vencedor, vencendo. E para isso, tive de lutar diuturnamente, buscando aprimorar sempre tudo o que fazia.

O grupo principal do São Paulo tem praticamente 18 jogadores. Carlos Alberto quer 22. A suplementação viria com um centroavante, dois pontas e um meia-esquerda.

E enquanto esses jogadores não chegam, o treinador trabalha com o elenco exíguo atual, entremado de jovens valores que forem surgindo nas divisões inferiores, em condições de serem testados. Uma reformulação completa processa-se nas divisões infantil, juvenil e no Expressinho, onde estão em experiência e adaptação vários jogadores jovens que os olheiros do São Paulo estão trazendo de vários pontos do País.

— Entrei em abril deste ano. Em abril do ano que vem completo o ciclo de reformas em todo o Departamento de Futebol Profissional do São Paulo com vistas à implantação de uma nova filosofia de trabalho. Aí, então, o São Paulo será um time com um padrão de jogo irreversivelmente moderno e espetacular, sem o risco de voltar a praticar o futebol acadêmico e romântico que o encontrei jogando. O São Paulo é como se fosse a minha casa. Estou muito à vontade e tenho todas as condições para realizar esse trabalho - conclui.

LEÔNIDAS DA SILVA

Diamante no São Paulo é mais que pedra preciosa

Foto de Alberto Sartini



Leônidas foi imbatível na execução da bicicleta, uma jogada que exige elasticidade e rapidez.

Até parece que o São Paulo esperou o recorde de cinco títulos em uma década - estabelecido em 1949 - completar 40 anos para superar a marca, nestes anos oitenta, década da consolidação do Clube como instituição e do time como grande potência.

Em 1949, o São Paulo encerrava o seu primeiro ciclo de conquistas que bem que poderia chamar-se ciclo "**Diamante Negro**", já que Leônidas da Silva teve muito a ver com ele.

Se fosse possível combinar a data de nascimento das celebridades com efemérides significativas, Leônidas estaria fazendo 76 anos, um dia depois da data de seu nascimento, no feriado de 7 de setembro. Por acaso, não foi com ele que o São Paulo começou a alcançar a independência, passando a viver de seus times e não mais de caridosas doações que o ajudaram a atravessar os primeiros anos de existência?

Naquela época, afinal, acompanhar **O Rolo Compressor** equivalia a frequentar a ópera. Havia pompa, bom gosto, emoções nem um pouco baratas e, principalmente, Leônidas - o centroavante que ousou desvendar todos os mistérios do gol.

Ele, com os seus modestos 1 metro e 65 de altura, não tinha o charme de Heleno de Freitas, não corria como Ademir de Menezes e nem chutava como Feitiço. Mas, nada disso lhe fazia falta. O que é preciso mais, para um centroavante que crescia à medida em que se aproximava da área e era capaz de acertar o gol nos ângulos mais difíceis? E que, como requinte, ainda detinha a fórmula surpresa do gol de bicicleta, essa extravagância que combinou tão bem com o nosso temperamento?

Em 1942, quando o imortal Porfírio da Paz e Roberto Gomes Pedrosa, então diretor de futebol, chegaram ao Rio para comprar o seu passe, muito havia acontecido. Como explicar a venda, ainda que por 200 contos de réis, do goleador, ape-

lidado de **Diamante Negro** pelos uruguaios e de **Homem de Borracha** pelos franceses?

As desventuras de Leônidas com o Flamengo tinham começado na excursão em conjunto com o Vasco da Gama, na Argentina. O empresário Alfonso Doce e o chefe da delegação, Hilton Santos, julgavam obrigatória a presença do centroavante em todos os jogos.

Mas Leônidas sentia as mesmas dores no joelho, que o levaram a desistir do Peñarol, em 1933, e voltar ao Brasil. Para acabar com o clima de suspeitas, submeteu-se a um exame com o Professor Augusto Covaro, médico da AFA, que, constatando três lesões graves, recomendou a urgente cirurgia. Mas, segundo o jogador, para economizar dinheiro, o Flamengo não concordou.

O empresário sugeriu, então, que ele entrasse em campo por cinco minutos que fosse, só para marcar presença e não foi atendido. Assim, Leônidas, afastado do time, teve de se manter durante a viagem com o seu próprio dinheiro, pois o clube só se responsabilizava pelas diárias do hotel e pela sua alimentação.

Sem ele, os demais jogos não foram confirmados e o Flamengo além da goleada de 7 a 1 na estreia contra o Newells Old Boys, ainda teve de assumir enorme prejuízo. Na volta ao Brasil, o presidente do clube resolveu ficar ao lado de seu diretor e Leônidas acabou multado em 6 contos de réis. Por coincidência, na mesma época, vencida uma das parcelas das luvas (de 6 contos e 250 mil réis) que, assim, ficou automaticamente quitada...

Como as desgraças parecem vir acumuladas, ao mesmo tempo a imprensa começou a noticiar o escândalo dos certificados falsos de conclusão do serviço militar. Recuando no tempo, Leônidas explica que, aos 20 anos, quando se dava o alistamento, ficou conhecendo no Café Nice - uma espécie de Ponto Chic carioca - o Sargento Conduru, que, se confessando admirador dele, propunha-se a regula-

rizar a situação.

- Como ele não pediu nada pelo serviço, alegando que, como arrimo de família, eu não precisava servir ao Exército, acreditei. Certo dia, então, apareceu com um documento que assinei, entregando-lhe duas fotos.

Mais tarde, o militar trouxe-lhe um certificado de primeira categoria, com a firma do comandante do Primeiro Regimento, Ivo Borges, devidamente reconhecida. Agradecido, Leônidas ainda deu-lhe 500 mil réis de gratificação.

Diante da denúncia dos jornais, o processo dos certificados falsos seguiu à revelia e Leônidas acabou sendo condenado - como o foram Zezé Moreira e até um sobrinho de Getúlio Vargas. Teve de cumprir oito meses de prisão na Vila Militar do Primeiro Regimento, enquanto a pena do sargento falsificador foi de quatro anos. Nessa altura, já operado do joelho, o jogador pôde cuidar melhor de sua recuperação.

Em um torneio aqui, com a participação do Fluminense e Palmeiras, também o Flamengo ofereceu o negócio ao São Paulo. Leônidas, que teria passe livre no final do contrato, acabou sendo vendido pela fortuna de 200 contos de réis, por sinal, resgatados logo nos dois primeiros jogos.

O dia da chegada de Leônidas à Estação do Norte, no Brás, em São Paulo, foi um acontecimento que dominou a cidade. Perto de dez mil pessoas compareceram e o craque saiu nos ombros da torcida, tomando parte no corso até a sede do São Paulo, na Rua Dom José de Barros:

- Eu me sentia como se fosse jogar pela primeira vez na vida. Depois de oito meses de inatividade até os meus ossos rangiam...

Como o jogador tinha dificuldades de manter o peso, o São Paulo contratou uma nutricionista, verdadeira extravagância para a época. Na estreia, a 25 de abril de 42, o Pacaembu registrou o recorde de público que permanece até agora: 70.218

pagantes. A renda chegou a 244 contos e 414 mil réis.

O Corinthians, com sete campeões brasileiros pela Seleção Paulista, por uma questão de orgulho, não podia perder. Por isso, em uma providência inédita, colocou o centro-médio José Augusto Brandão para marcar a grande estrela do espetáculo.

— Não joguei nada - confessa Leônidas - mas Brandão também não. Por isso, o Corinthians não venceu. Naquele tempo, o centro-médio é que coordenava todo o jogo. Houve empate de três a três e só consegui fazer um passe de cabeça, para o Lola marcar um dos gols.

No dia seguinte, os são-paulinos nem podiam sair de casa. O comentário da cidade era de que Brandão tinha sido preso:

— A polícia - explicavam os corintianos - descobriu um diamante no bolso dele...

Plagiando os mineiros, a torcida corintiana dizia que o São Paulo também havia comprado um bonde. Essa campanha de gozação provocou um recalque tão grande, que Leônidas passou a se matar em campo para não perder nenhum clássico.

— Estranhei demais o ritmo daqui. Passava por um jogador e nem bem me aproximava de outro, era alcançado outra vez pelo primeiro. No Rio, 35 graus à sombra, tudo mudava...

Aí, Leônidas deu mais valor aos ensinamentos do húngaro Dori Kruschener, que o convenceu da inutilidade em abusar dos dribles, um desperdício para a mentalidade européia, além de passá-lo da meia-esquerda para centroavante.

Oito dias depois, no entanto, mais adaptado e fervendo de indignação pelo mau desempenho da estréia, Leônidas começou a inverter o sentido da correnteza. O Palestra, adversário seguinte, líder do campeonato, mantinha uma verdadeira constelação. Começando por Og Moreira (que teve de ser apelidado de **Toscanini** para disfarçar o preconceito de uma sociedade, que nunca admitia jogadores negros), havia ainda craques como, Junqueira, Zezé Procópio, Del Nero, Cláudio, Romeu, Lima e Echevarrieta...

Mesmo cercado por Og e Begliomini, Leônidas empatou o jogo de bicicleta, o que deixou o público de 242 contos e 470 mil réis, entre o delírio e a perplexidade. No final, 2 a 1 para o Palestra pois o esquadrao do São Paulo ainda estava nos primeiros contornos. A escalação desse clássico, por exemplo, foi de Doutor, Fiorotti e Piolim; Zacis, Lola e Silva; Luizinho, Waldemar de Brito, Leônidas, Teixeira e Pardal.

Por sinal, alguns atribuíam a Waldemar e erradamente ao seu irmão, a invenção da bicicleta. Petronilho de Brito era mestre nas **chilenas**, chutando

com o calcanhar assim que a bola o encobria. Há registros também, de 35, de que José Augusto Brandão, então no Juventus, praticava a jogada, só que no meio-campo.

— Não duvido que, como dizem, os argentinos tenham sido os inventores. Nem lembro quando marquei o primeiro gol dessa maneira. Mas, posso garantir que fazia a jogada desde garoto, sem ter visto nada parecido antes - confirma Leônidas não apenas agora, mas, desde o início da carreira.

Agora, aos 76 anos, longe do ambiente do futebol (o autor e intérprete das emboladas, Manzinho Araújo, continua sendo o seu único amigo íntimo) o nosso herói pode confessar que a bicicleta não era simples exibicionismo mas, também, um meio de defesa ou a maneira de devolver as violências que sofria.

Os duelos com Sordi, um zagueiro do Juventus com cara de buldogue, entraram para o folclore, lembrando o confronto de Alan Ladde e Jack Palance em **Os Brutos Também Amam**. Em um desses jogos, o ponta Luizinho aproveitou para fazer uma jogada combinada. Em vez de bater o arremesso lateral em direção ao peito do companheiro, encobria-o. Era suficiente então, para o atacante virar o corpo, sair da marcação e partir livre para a área. Ao iniciar o movimento, porém, Leônidas levou violenta pancada na barriga da perna.

— Como senti que não dava para continuar, resolvi levar o agressor comigo. Pedi ao Teixeirinha que fizesse os cruzamentos sobre o zagueiro, para atingir o

seu rosto ao tentar a bicicleta. Mas, errei o alvo. Quebrei a sua clavícula e, ao mesmo tempo, o meu peroneo, o que custou quarenta dias de torturante tratamento...

Mas, essa rivalidade perto de outra que surgia no cenário, não passava de mera confraternização. A do São Paulo - explosiva combinação de paulistanos quatrocentões e soldados da Força Pública - contra os imigrantes italianos, que, diante da guerra com o Eixo, eram alvo de restrições aqui. A decisão do título de 42, entre esses protagonistas, é contada até hoje no Parque Antártica como **A Epopéia Palmeirense**.

Para esvaziar a tempestade de pedras, garrafas e tomates que a torcida preparava, o Palestra nomeou às pressas como diretor o capitão Adalberto Mendes, aproveitando um número antigo de registro de associado, exigência do estatuto.

Caberia a ele, um palestrino do Nordeste, entrar em campo carregando a bandeira nacional vestindo a farda do Exército e desencorajando, assim, as hostilidades. O Palmeiras jogando como nunca, ganhou por 3 a 1 e foi campeão. Depois de um entendimento com o presidente Décio Pacheco Pedroso, o capitão Luizinho, retirou o time de campo quando Janeiro apitou um pênalti de Virgílio em Villadoniga. Além de perder a cota na renda e o segundo lugar no campeonato, o São Paulo foi suspenso por trinta dias.

Esse final infeliz, não desestimulou o projeto de montagem de novo esquadrao.

E, vieram reforços do nível de Zezé Procópio, do próprio Palestra; Zarzur e Noronha do Vasco; o inesquecível Sastre do Independiente e o infatigável Remo, do Santos. Ao lado de Leônidas, começaram a executar aquela sinfonia inesquecível, interrompida apenas em 49, na conquista do quinto título da década.

O início do ciclo, no entanto, foi desanimador. Os novos jogadores não se ajustavam entre si e nem com o treinador Conrado Ross. Nos quatro primeiros jogos, o time perdeu 6 pontos e a Diretoria decidiu contratar o ex-juiz (que apitou a partida de estréia de Leônidas) e jornalista esportivo, Jorge de Lima, o Joreca.

Era o detalhe que faltava. Joreca, com o seu magnetismo pessoal, soube harmonizar a convivência de tantas estrelas e o time não perdeu mais, empatando zero a zero com o Palestra, apenas na última partida com o título de 43 já assegurado.

Em 44, Leônidas assina o seu segundo contrato, sempre com a cláusula de passe livre no final. Direito que, como ele próprio lembra, jamais exerceu, pois atingiu no São Paulo sua plena realização profissional. Tanto é que, nesse ano, comprou títulos de sócio pro-



Leônidas, logo após a contratação, ao lado do então tenente Porfírio da Paz. Em pé: o jornalista Thomaz Mazoni e o antigo Conselheiro do São Paulo, João Fernandes.

prietário para a esposa e mãe. Esta não perdia um jogo sequer, prometendo nas arquibancadas, para a torcida, vitórias com os gols do filho.

Em 45 e 46, a torcida são paulina alcançaria o Paraíso. O time atingira o ponto de maturação ideal e os jogadores se entendiam só com a troca de olhares. Cada jogo era certeza de vitória e espetáculo. O ataque inteiro, por exemplo, evoluía ao mesmo tempo, tocando a bola com rapidez e aniquilando os adversários.

Quarenta e cinco, por sinal, foi o ano das goleadas. O ataque marcou 70 gols em 20 jogos, 16 deles por Leônidas, o segundo artilheiro do campeonato. Na divisão, sobraram para o pobre Jabaquara 18 gols: 6 a 0, em Santos, no primeiro turno, e 12 a 1 no Pacaembu, quatro deles de Leônidas.

O placar da concha acústica ainda era em forma de mastro de navio e o funcionário da Prefeitura, a cada gol, erguia uma bandeirola vermelha triangular. Naquele domingo, porém, o poderoso ataque de Barrios, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira esgotou o estoque e o acompanhamento da contagem parou nos oito...

Na Portuguesa Santista do craque Brandãozinho, o São Paulo marcou dez gols (5 a 0 e 5 a 1). No S.P.R. também (4 a 1 e 6 a 1). Na sétima rodada uma surpresa, o empate com o Santos no **alcapão** da Vila, um a um, com Noronha expulso. O outro empate com o Palmeiras (dois gols de Tulio, um a favor, outro contra). Normal, como a derrota (1 a 2) contra o Corinthians, a única do campeonato.

Mas, em 45, nem isso aconteceria. Dois empates com a Portuguesa, um com o Palmeiras (todos de um gol) e 62 gols marcados. Leônidas contundido jogou pouco. Aliás, essa circunstância explica sua má atuação no jogo da decisão, o que não era comum.

O São Paulo ficou com nove jogadores, a partir dos 12 minutos do segundo tempo (foram expulsos Og Moreira e Villadoniga, além de Remo e Luizinho, que provocou o conflito) e ainda perdeu Renganeschi, inutilizado na ponta-esquerda. Mas, foi dele, arrastando-se de encontro à bola, o gol da vitória a 20 minutos do final. Acontecia, então, o primeiro e único título invicto da história.

Leônidas nunca esqueceu o dia em

Leônidas da Silva, em seu apartamento, no Paraíso, em São Paulo, ao lado da esposa, Dna. Albertina



que Joreca, no Canindé, falou sobre a aposta que fizera com o implacável Geraldo Bretas, dono do **Jornal Esportivo** e são paulino, por sinal. Dizendo que o time era velho e bastaria aos adversários suportar os primeiros 25 minutos de jogo, para depois vencer facilmente, Bretas provocou a indignação de todos. Críticas desse gênero aliás, ficavam um tanto fora do contexto da época.

Depois da conquista do título, a torcida invadiu o reservado da imprensa para agredir o crítico, que, durante a série invicta, se dizia responsável pela reação do time pois os jogadores decidiram contrariar as suas previsões.

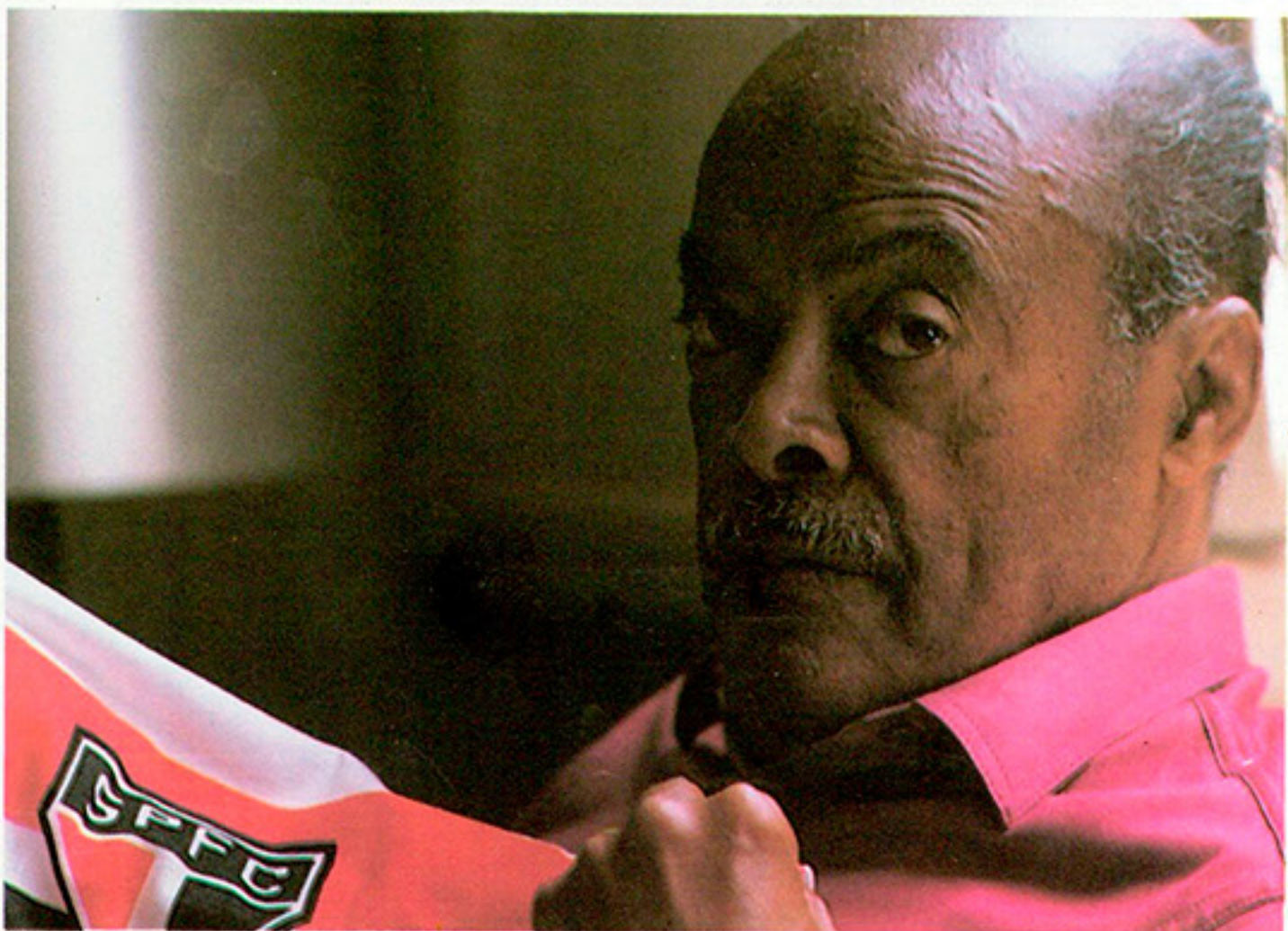
Houve mais dois títulos com a impressão digital do **Diamante Negro**: em 48 e 49. Em 50, a pedido de Paulo Machado de Carvalho, ele disputou um jogo só (a 03/12/50 nos 2 a 1 contra o Nacional) para tornar-se tricampeão também, título inédito ainda no Clube. Mas, as articulações do Palmeiras e a arbitragem de Mr. Bradley (que, depois disso passou a ser chamado de **Signore Bradelli**), sur-

preendido ao dançar no baile da vitória do Parque Antártica e ainda com o gol de Teixeira anulado, pesando na consciência, alteraram o rumo da história.

Como Feola foi nomeado auxiliar de Flavio Costa na Copa do Mundo de 50, o diretor Paulo de Carvalho convidou Leônidas para assumir como técnico. Sem os cinco convocados para a Seleção Brasileira (Mauro, Bauer, Rui, Noronha e Friaça) foi montado o **time da perua**, por viajar nesse tipo de condução pelo Interior, que se manteve invicto por 12 partidas.

Mas estava escrito que técnico ex-jogador não deve assumir o cargo com o mesmo grupo. Leônidas tentou impor a disciplina entre jogadores, que ainda o consideravam um companheiro. Não deu certo. O próprio jogador reconhece que com o seu gênio forte e verdadeiro pavor

Leônidas, um exemplo de amor à camisa.



Leônidas segundo os contemporâneos

Luizinho - "Dava gosto jogar com ele. Dentro do campo, era um espetáculo. Solidário com a gente, corajoso e interessado".

Yeso Amalfi - "Tecnicamente não era uma preciosidade, porque não sabia driblar. Mas, isso se tornava um detalhe desprezível diante de seu poder de realização dentro da área. Nunca vi Leônidas chutar uma bola por cima do travessão. Acertava o gol de qualquer lugar da área. Só falava de futebol dentro de campo. E, fora, era educado e culto".

Teixeirinha - "Sempre procurou ajudar os mais novos e foi a maior estrela de sua época".

Ruy Campos - "Leônidas foi uma espécie de equação de todos os centroavantes que o antecederam. Nunca vi um jogador tão apaixonado pela vitória".

Poy - "Entre Pelé e ele existe uma diferença: a mídia eletrônica. Quando cheguei da Argentina, ainda sem entender direito o idioma, acabei sendo adotado por ele. Dentro de campo se transformava em guerreiro. Não queria perder nem nos

treinos. Feola tinha problemas até em escalar os zagueiros. Nos últimos anos de carreira, com o joelho esquerdo comprometido, passou a jogar só com a perna esquerda. É incrível o que conseguia fazer..."

Bauer - "O futebol brasileiro deve ser dividido em duas idades: a de Leônidas e a de Pelé. Aliás, acho que foi com ele que o Rei aprendeu aquela manha de fingir que estava fora de jogo, amarrando a chuteira e, de repente, apanhar a bola, fazer o gol e deixar o adversário completamente tonto".

às derrotas, às vezes exagerava dentro de campo, criando um ambiente difícil com os jogadores.

Alguns não aceitavam esse tratamento e outros, mais experientes, entendiam o temperamento guerreiro do jogador que, afinal, era usado em benefício da causa. Leônidas, porém, sempre foi um homem de caráter, o que algumas passagens de sua vida deixaram bem claro.

No Rio de Janeiro, por exemplo, dona Maria Silva, a mãe dele, trabalhava como governanta para uma família de posses, que sempre se interessou em tornar a melhor possível, a infância de Leônidas.

Com o tempo, no entanto, a situação se inverteu: na mesma medida que o jogador estabilizava a sua condição financeira, a família se arruinava. Leônidas, então, passou a ajudá-la, responsabilizando-se pelos estudos dos filhos do casal. Há algum tempo atrás, já formados - um como engenheiro e outro, advogado - ambos apareceram no programa de tevê *Essa é a sua vida*, para agradecer o apoio.

O técnico Leônidas só resistiu até depois da excursão de 51 à Europa, quando foi montado um combinado. A média de idade do time já andava alta e, assim, houve a aliança com o Bangu de Zizinho, o novo fantasma do Campeonato Carioca.

Mestre Ziza, contudo, desentendeu-se com o técnico Ondino Vieira e, para escapar de uma viagem a Copenhague, ficou junto ao São Paulo, alegando um resfriado, para não ser escalado contra o Lazio.

Leônidas percebeu que o jogador, sem febre e muito alegre, tomava os aperitivos e cervejas de sempre e passou a desconfiar daquele súbito mal-estar.

Em Portugal, o empresário exigiu que o São Paulo jogasse com a camisa do Bangu mas Leônidas discordou. Exigiu a escalação de Zizinho e não foi atendido. Na volta, aborrecido com a versão de que afastara um dos maiores craques do País por ciúmes, Leônidas desistiu da carreira. E tornou-se comentarista de rádio.

O futebol perdia um de seus personagens mais ricos, criador de uma imagem forte entre as torcidas. Ídolo para os são-paulinos e inimigo mortal para os adversários. Mas, em um ponto, havia o consenso: Leônidas tinha sido o centroavante de todos os tempos em São Paulo. Apesar de sua curta passagem de sete anos, conquistou cinco títulos.

Hoje, aos 76 anos, Leônidas, por desencanto, não vai mais ao futebol na companhia de Bauer ou de Noronha, com quem manteve amizade. O seu lazer são as viagens a Santos e Rio de Janeiro ou ao Exterior, participando de algum grupo de conhecidos.

Ele ainda é identificado nas ruas, pois a aparência não mudou tanto assim. A barriga, é claro, está um pouco mais saliente devido os 70 quilos, peso próximo ao que possuía no final da carreira, quando tinha de treinar com agasalhos de lã.

Ele, contudo, acredita que não conseguiria alcançar tanto sucesso agora. Afinal, as jogadas e os jogadores, feitos em série hoje, são todos iguais. E Leônidas, houve só um.



Sérgio Baklanos

Leônidas, no começo de carreira, no Rio, jogando pelo São Cristóvão.



O time do São Paulo no 3 x 3 contra o Corinthians, em 42, na estreia de Leônidas. Em pé: Fiorotti, Luizinho, Virgílio, Silva, Lola e Zacris. Agachados: Doutor, Waldemar de Brito, Leônidas, Teixeira e Pardal.



A delegação brasileira a caminho da Copa de 38, jogada na França. No convés, exercícios para manter a forma.



Leônidas como técnico do São Paulo, na excursão à Europa, em 51. Em pé: o jornalista Geraldo José de Almeida, Ruy, Alfredo, Poy, Savério, Mauro e Bauer. Agachados: Alcino, Ponce de León, Durval, Bibe e Dido.



Mais um na década

Tricolor dá show e vence o Torneio Internacional de Guadalajara

No estádio Jalisco, em Guadalajara, onde a Seleção Brasileira iniciou a série vitoriosa de jogos que lhe deram o campeonato mundial de futebol, em 70, o São Paulo FC acaba de conquistar mais um título nesta década de 80: o de campeão do Torneio Internacional "Cidade de Guadalajara", invicto.

O Torneio, realizado entre os dias 19 e 27 de agosto último, contou com a participação do campeão uruguaio, o Peñarol, e do campeão carioca de 89, o Botafogo de Futebol e Regatas, do Rio. Pela chave mexicana atuaram o Deportivo Guadalajara, o Atlas e o Universidad Guadalajara.

Para manter o interesse do público, os times formaram dois grupos: o dos "estrangeiros" e os "mexicanos", de tal modo que o título do Torneio seria garantidamente disputado entre um dos times da casa e uma equipe visitante.

Assim organizado, o Torneio foi um sucesso. A média de público foi de 30 mil pessoas por partida e o São Paulo FC, como vencedor deste ano, já tem convite e vaga garantida para uma nova versão do torneio, no próximo ano, em Guadalajara.

Bom teste - Além de manter a equipe em atividade e adquirir experiência internacional, o São Paulo projetou mais o seu nome e reforçou o seu prestígio no mercado mexicano, onde o futebol brasileiro, desde a memorável campanha da Seleção Brasileira, em 70, desfruta de invejável prestígio. O confronto com os times mexicanos, dotados de modo de jogar diverso, foi também um ótimo teste para a equipe que está exercitando um padrão de jogo inteiramente mudado em relação ao que possuía na fase final do campeonato paulista deste ano. (Veja a matéria das páginas 8 e 9).

Além disso, para o diretor de futebol, Marcelo Portugal Gouvea, o São Paulo conquistou amplos espaços na imprensa e junto ao público que serviu para consolidar a excelente imagem que o Clube possui junto ao público mexicano.

"Recebemos, no México, um tratamento extraordinário e uma hospitalidade maravilhosa", ressalta o técnico Carlos Alberto Silva.

"Não tínhamos camisas em número suficiente para atender aos pedidos dos fãs mexicanos", diz o meia Bobô. "Tal a fascinação exercida nos torcedores locais pelo São Paulo", constata.

O São Paulo estreou no Torneio no dia 19 de agosto, vencendo o Deportivo Guadalajara por 3 a 1, com tentos assinados por Bobô, Mário Tilico e Nelsinho. No dia 22 voltou a campo para derrotar o Atlas com um gol de Mário Tilico. Apesar do placar magro, o time voltou a jogar bem e o grande destaque nessa partida foi, novamente, Mário Tilico, que alguns jornais mexicanos chegaram a comparar a Jairzinho, o 'Furacão' da Copa de 70, pelo seu futebol alegre e veloz. No dia 26,



Mais uma taça para o campeão dos anos 80

contra o Universidad, o São Paulo não saiu do 0 x 0, mas foi o bastante para garantir a sua classificação.

O Tricolor contava com duas vitórias e tinha a seu favor a derrota por goleada sofrida pelo Peñarol, frente ao mesmo Universidad, por 5 a 0.

No dia seguinte, dia 27, um domingo, o São Paulo FC e o Universidad voltaram a campo para decidir o título. Como terminassem empatados sem gols, os times teriam de jogar um tempo complementar de 30 minutos. Mas, como os times estivessem cansados pelo esforço do jogo an-

terior e desfalcados de três jogadores que haviam sido expulsos no tempo regulamentar, as direções das duas equipes aceitaram a sugestão de decidir por pênaltis, em série de cinco cobranças. Gilmar, em excelente forma, defendeu um dos chutes e Mário Tilico, Adilson, Benê, Nelsinho e Paulo César converteram em gols as suas cobranças, garantindo a vitória final por 5 a 4.

O time-base que atuou no México foi: Gilmar, Zé Teodoro, Adilson, Ronaldo e Nelsinho. Vizolli, Bernardo e Raí. Tilico, Bobo e Nei (Paulo César).



JUCA CHAVES:

“Torcer pelo São Paulo é como ter um Jaguar ou uma Ferrari”

O mais famoso nariz do Brasil é tricolor. O cantor e humorista Juca Chaves, o “Menestrel do Brasil”, confessa-se absolutamente apaixonado pelo São Paulo desde menino. Era do tipo que passava mal no estádio, não importando se o time ganhava ou perdia. “Certa vez, quando o Maurinho marcou um gol de cabeça contra o Corinthians, eu tive um troço. Desmaiei mesmo. Minha mãe, que estava comigo, disse que eu não iria mais assistir aos jogos”.

O responsável por um amor tão grande foi o eterno craque, Leônidas da Silva, que fez de Juca um sãopaulino dos mais fanáticos já aos cinco anos de idade, quando ganhou sua primeira camisa do Clube.

Para quem não sabe, o artista também teve uma carreira esportiva que faz questão de divulgar. Jogou no gol do time infantil do Pinheiros. “Fui o maior goleiro esquerdo de todos os tempos”, garante ele, explicando suas caídas sempre para esse lado. “Você conhece outro que só caía dessa forma? Então, eu fui o maior”.

Juca é simplesmente fascinado pela posição de goleiro. “Ele vê o futebol sob outros ângulos e de diferentes aspectos”.

Salienta, inclusive, três atletas dessa posição, do São Paulo, por quem tem muita admiração. “Poy era superelegante, fez escola no Brasil; o Waldir Perez é um líder nato; quanto ao Gilmar, acho um absurdo ele não estar na Seleção”. No entanto, faz uma ressalva: “O Gilmar só pode ficar fora se eu estiver jogando”.

Sempre que pode, Juca vai a estádios, principalmente para ver os jogos do São Paulo e é considerado um tremendo pé-quento. Já recebeu em diversas ocasiões telefonemas de amigos para que fosse assistir a partidas difíceis. “Sempre que vou o time ganha”. Ele fez até uma música para o Tricolor e garante que toda vez que ela é tocada, o São Paulo é campeão.

Para Juca Chaves, ser sãopaulino é um estado de espírito, é ser diferente da maioria. “Como ter um Jaguar ou uma Ferrari”. Ele acredita que os que possuem um coração vermelho, branco e preto não são simples torcedores de futebol. “A torcida tricolor, por ser mais inteligente, não depende só do time para ser feliz, tem outras diversões”, argumenta.

Mas, diante do pavilhão tricolor, ele é tão fanático quanto qualquer outro torcedor. “A bandeira do São Paulo me emociona”. Contudo, para ele, o Clube

não é só futebol, mas, também, esporte amador, uma empresa muito bem administrada e uma agremiação distinta de qualquer outra do gênero. “Até as delegações sãopaulinas são diferentes”, explica. “Vários donos de hotéis já comentaram comigo que os atletas do Clube são bem comportados e educados”.

Lembranças - O maior time que o São Paulo já teve, na opinião do cantor, foi o de 49/50, do famoso trio Rui, Bauer e Noronha, embora faça questão de salientar que o Clube teve inúmeras grandes equipes e jogadores fantásticos. “Se tivesse que fazer uma seleção do São Paulo de todos os tempos, eu poderia jogar no gol, porque a bola jamais chegaria lá e, ainda, precisaria de um banco imenso para acomodar os reservas”, justifica.

Um atleta, contudo, mereceu dele destaque especial. Leônidas da Silva paira acima de sua galeria de estrelas. Uma das maiores emoções do cantor aconteceu no dia em que o “Diamante Negro” foi assistir a um de seus shows. “Fiz questão de agradecê-lo pelos grandes momentos que nos proporcionou com sua arte”.

Sobre o título deste ano, o sexto da década, Juca afirma ter ficado emocionado, como sempre, mas que não foi surpresa. “Dei várias entrevistas afirmando que o São Paulo marchava para a vitória”. Isso, no entanto, não o impediu de dar uma festa para comemorar e colocar a bandeira do Clube nos jardins de sua casa, na Bahia. E é de lá, sob os coqueiros de Itapoã, acompanhado do inseparável violão e de sua musa inspiradora, Yara, que ele manda um recado aos sãopaulinos: “Tende piedade das outras torcidas, elas não sabem o que fazem”.

Vera Helena Rodrigues

Jurandir Chaves nasceu no Rio de Janeiro há 50 anos, (embora faça questão de frisar que continua com corpinho de 49), ou, como ele diz: “Nasci no Rio mas fui civilizado em São Paulo”.

Juca começou a cantar profissionalmente em 1960, mas desde garoto era considerado “arroz de festa”. Nas reuniões, tocava violão, contava piadas para os amigos e quando começou a carreira tinha perto de 100 músicas compostas.

Em 63, foi para a Itália, onde tornou-se um ídolo, e só retornou ao País em 68. Desde então, o “Menestrel do Brasil” tem utilizado sua música, principalmente, para criticar a política nacional, o que lhe causou muitos problemas com a censura. De sua língua ferina de libiano, ninguém escapa.

Com um temperamento prático, gosta de cuidar pessoalmente de seus negócios, sem secretárias ou, mesmo, empresário. Para isso, conta com a colaboração da bela Yara, com quem está casado há 15 anos. “Gosto de ir para as filas, fazer pagamentos, como todas as pessoas, senão a gente acaba virando artista de TV, que fala dos problemas do mundo sem sair de casa”.

Juca diz estar vivendo agora o seu melhor momento. “Conseguí o que sempre almejei: prestígio sem popularidade”, define. “Posso ir a qualquer lugar, conversar com todo mundo. Sou reconhecido, mas não incomodado”.

Há cinco anos, Juca e Yara estão morando na Bahia, na praia de Itapoã, em Salvador, e não têm planos de voltar. “A não ser para fazer shows e assistir aos jogos do São Paulo, é claro”.

ADILSON

A tranquilidade na zaga

A torcida tricolor já se acostumou com sua tranquilidade e segurança na área. Afinal, sem ser um jogador violento, Adilson, zagueiro central da equipe são paulina, já há dois anos vem impondo sua presença na defesa do time, conquistando o respeito de companheiros, adversários e jornalistas.

São poucos porém, os que sabem que Adilson veio parar no São Paulo "por acaso". Em 86, ainda atleta do Cruzeiro, da cidade paulistana onde nasceu, veio fazer tratamento de recuperação de uma luxação no cotovelo, no departamento fisioterápico do Tricolor. Após duas semanas de tratamento, foi liberado para fazer testes no campo, sendo então observado pelo técnico Cilinho - que gostou de seu jogo e pediu a contratação.

Não foi fácil, contudo, entrar no time. O titular da posição era o consagrado "capitão" Oscar e havia, ainda, Wagner Basílio, disputando um lugar na equipe. Mas Adilson soube esperar e, finalmente, teve uma chance na equipe principal, dia 7 de abril de 87, na vitória de 3 x 2 sobre o XV de Jaú. Disputou e ganhou a posição de Oscar, entrando definitivamente no time no dia 24 de maio, contra o Juventus, num empate de 0 x 0.

Um dos jogadores mais regulares do Tricolor - dificilmente fica fora do time, seja por contusões ou punição - Adilson, apesar de não figurar com destaque nas manchetes dos jornais, é, sem dúvida, mais um dos grandes zagueiros da história do São Paulo FC.

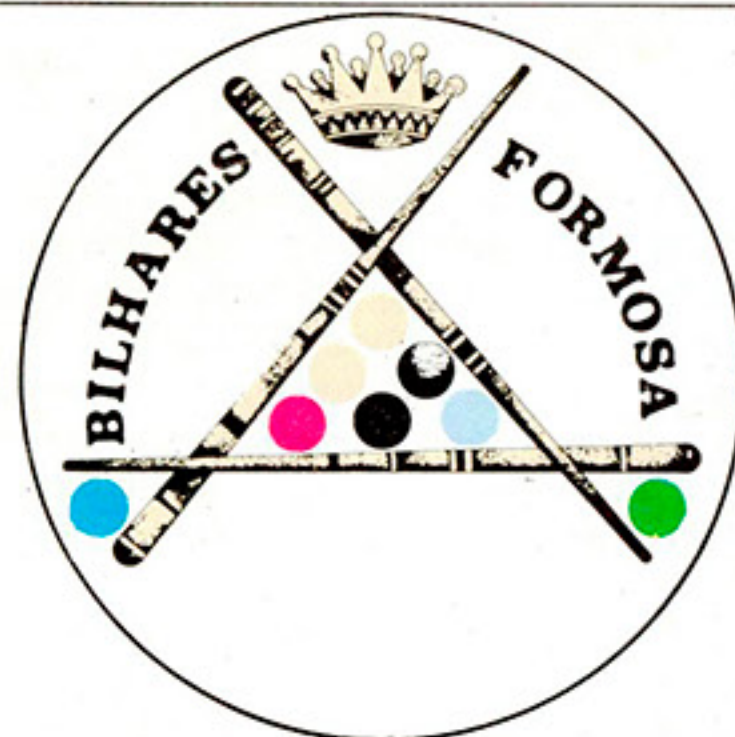
Tônia Azevedo

Nome: Adilson José Pinto.
Pais: Sebastião Marcos Pinto e Geralda dos Santos Pinto.
Local de nascimento: Cruzeiro, SP.
Idade: 24 anos.
Estado civil: solteiro.
Signo: Capricórnio (06.jan.1965).
Formação: ginásial completo.
Onde começou a jogar: Cruzeiro FC, de Cruzeiro, em 1981, aos 16 anos.
Posição: zagueiro central.
Como gosta de jogar: "Com domínio da bola"
Características de jogo: "Ser técnico e ter maior domínio da bola".
O que o faz diferente como jogador: "Minha tranquilidade".
Meta profissional: "Seleção".
Objetivos pessoais: "Casar com a Sandra, minha noiva, e constituir uma bela família".
Cor preferida: "Azul".
Prato preferido: "Feijoadá".
Superstições: "Não tenho".
Lazer preferido: "Ouvir música e dançar".
Autor favorito: "Jorge Amado".
O que levaria para uma ilha: "A Sandra".
O que salvaria de um dilúvio: "Minha família".
Seu melhor amigo: "Meu pai".
O melhor colega de profissão: "Santos".
Time do coração: "Flamengo".
Um ídolo: "Zico".
Uma grande idéia: "O futebol".
O futuro do Brasil: "Esperança".
Um cidadão do mundo: "Pelé".
O homem do século: "Meu pai".
Um guia para a humanidade: "Nelson Mandela".
Um craque: "Pita".
Um clube: "São Paulo, não tem outro".
Um dirigente: "Carlos Miguel Aida".
Um técnico: "Cilinho".
Se não fosse jogador, seria...: "Sempre quis ser jogador".
Um lance decisivo: "O gol (contra) do São José, nestas finais".
Uma paixão: "A Sandra... enlouquecidamente!".
Um desejo: "Construir minha casa".
Uma mulher nota 10: "Luíza Brunet".
Um homem admirável: "Oscar (ex-zagueiro do São Paulo) pelo seu caráter".
Um político: "Tá difícil...".
A Seleção que você escalaria: "Gilmar, Jorginho, Aldair, Ricardo (SP) e Nelsinho; Dunga, Silas e Pita; Valdo, Careca e Müller".
Quem gostaria de ter no São Paulo: "Careca, de volta".
Uma aventura: "Visitar a Europa".
O que mais detesta: "Cigarro".



FABRICAMOS:

Sinuca de pedra, Sinuca de todos os tamanhos, Futebol de mesa, Futebol de botão, Ping Pong, Bolas p/ Snooker, Panos, Tacos Giz, Troféus, Bingos, Mesa de Xadrez, Mesa de Carteados Dominó, Reformas e Acessórios em geral



Rua dos Andradas Nº 333/339 - Santa Efigênia - São Paulo - SP - Telefone: 223-8944

Adeus, Filhinha

Ela acompanhou o São Paulo FC em todos os campos, por todo o Brasil. E em São Paulo, durante anos seguidos, não perdeu um treino ou jogo do Tricolor. Foram mais de 40 anos de torcida apaixonada que lhe valeu o título de **Torcedora-Símbolo** do São Paulo.

Maria de Campos, a **Filhinha**, canalizou toda a sua capacidade de amar para o São Paulo. Não dividiu com ninguém a sua paixão. Dedicou-a por inteiro ao Clube de seu coração por quem chorou, brigou e torceu freneticamente nas arquibancadas. Em quatro décadas nenhum outro torcedor experimentou como ela o doce sabor das vitórias. **Filhinha** começou a torcer para o São Paulo no fim dos anos 40. Ainda viu jogar o esquadrão dessa década, nos anos dourados do futebol romântico. Vibrou com Luizinho, Leônidas, Bauer, Rui, Noronha, Teixeira e tantos outros ídolos que construíram a mística são paulina nos anos 40, quando o Tricolor iniciou a grande virada para firmar-se como um Clube grandioso em que se consolidou, nos anos 70.

Nas arquibancadas, no meio das torcidas uniformizadas, **Filhinha** se destacou nos gritos, no aplauso, na vibração. Ninguém amou o São Paulo mais do que ela. Sua paixão era inextinguível. Era capaz de torcer mesmo quando o time jogava mal.

Em entrevista a SPN, em 86, disse que recebeu o título de **Torcedora-Símbolo do São Paulo**, em 67. "Quem me comunicou foi o Dr. Wady Saddi. Fiquei emocionada". Era um reconhecimento que recebia da direção do Clube e ostentava esse título com grande orgulho.

Filhinha começou a acompanhar o São Paulo muito jovem. E seu interesse foi despertado pelo jogador Mendes, antigo ponta do São Paulo, que morava perto de sua casa. "Como naquele tempo não ficava bem uma mocinha de família ir aos estádios sozinha, minha mãe me proibia



Filhinha: uma paixão de toda vida.

de assistir aos jogos. Mas como a paixão era maior, eu ia escondido", contava.

Sócia do Tricolor desde 52, **Filhinha** deixava o trabalho como doceira no Hotel Normandie e ia direto para o campo no Canindé. Não perdia um treino. Conhecia os jogadores e suas biografias. Comprava os jornais e revistas esportivos e durante toda a vida colecionou fotos e recortes de seus ídolos. Para ela, todos eram craques. Bastava jogar no São Paulo.

Entre as relíquias que **Filhinha** guardava com muita ternura estava a camisa do zagueiro Forlan, com a dedicatória do jogador bordada por ela em vermelho "para não desbotar" e emoldurada num quadro na sala de seu apartamento, que ostentava em todas as paredes fotos, gravuras e distintivos do Tricolor. A cabeceira de sua cama era cravejada

de distintivos do São Paulo. Para qualquer ângulo ou espaço que se olhasse em sua casa havia algo que lembrava o São Paulo, uma paixão que viveu diuturnamente, em seus 60 anos de vida.

Quando apresentou a maquete do Centro de Treinamento '**Frederico Menzen**', idealizado em sua gestão, o presidente Carlos Miguel Aidar rendeu homenagem a **Filhinha**, ofertando-lhe uma bandeira do São Paulo FC. A **Torcedora-Símbolo** chorou copiosamente na cerimônia, diante da maquete.

Certa vez, quando fez um seguro de vida, colocou o São Paulo FC como seu beneficiário.

Maria de Campos, a **Filhinha**, faleceu no último dia 13 de agosto, de uma parada

cardíaca. Com ela se foi um pouco da vibração apaixonada, quente e inocente das platéias do futebol. A Diretoria do São Paulo esteve presente ao seu sepultamento, na pessoa do Presidente Juvenal Juvêncio, diretores e conselheiros, ao lado de torcedores que foram levar o último adeus à mais fanática das torcedoras do Tricolor.



A emoção no lançamento da maquete do CT

Alguma Reclamação?

Se a sua revista não chegou. Se o seu endereço mudou. Se você quer assinar São Paulo Notícias, ligue para nós.

Serviço de Atendimento ao Assinante
Fone: 842-3377 ramal 148



COSTA PREVIATO

CONSTRUTORA

Há 10 anos prestando serviços
ao São Paulo FC

Costa Previato Engenharia e Construtora Ltda.

São Paulo - SP - Rua Urussui, 63 - CEP 04542 - Itaim Bibi - Tel. 883-4911 - Fax (011) 853-8691 - Telex 1136833 PRVA
Rio de Janeiro - RJ - Rua México, 119 - Sala 1.707 CEP 20031 - Centro - Tels. (021) 533-2715 262-6048 - Telex 2137789 PRVA

D. WANDA MENON SODRÉ

As Cores e as Formas da Natureza



Wanda Sodré no Morumbi: ao fundo a imensa bandeira tricolor desfraldada ao vento.

Para jogar no time tricolor tem que ser craque e deve mostrar isso na prática, de preferência no gramado. Foi o que fez a paisagista, pintora, ceramista e apicultora Wanda Menon Sodré.

Dona Wanda, diretora de paisagismo do São Paulo, responsável pelos parques, campos e jardins do Clube, deixou todas as áreas verdes do Morumbi e do Centro de Treinamento da Barra Funda impecáveis. E, no estádio, ainda deu-se ao luxo de criar um jardim com as cores do São Paulo.

"Foi feito todo um estudo dos diversos espaços para saber o que colocar", explica. No CT, segundo ela, muita coisa e as plantas devem ser mais resistentes, como Agapanthos, Ortências e Azaléias. Estas últimas, aliás, foram espalhadas por vários locais do Clube. "Ela floresce duas vezes por ano e, assim, o São Paulo está sempre colorido. Mas temos uma variedade

de muito grande de plantas. Procuramos contentar a maioria dos sócios", argumenta.

Todas as áreas de atividades de dona Wanda, que não são poucas, estão ligadas à terra. Afinal, para uma virginiana, signo do elemento terra, não poderia ser de outra forma. Em sua propriedade de 30 alqueires, em Juquitiba, a 70 km da Capital, ela desenvolve seus vários trabalhos, dos quais apenas a apicultura tem fins lucrativos. Os demais são todos em caráter voluntário. Há mais de 30 anos, dona Wanda trabalha com promoção social na região de Taboão da Serra, ensinando cerâmica e pintura em tecido a pessoas carentes. "Meu lema é: não dê o peixe, ensine a pescar".

Como gosta de manter-se bem informada, está sempre fazendo cursos e participando de congressos, além de comandar uma equipe de doze jardineiros e manter o seu trabalho no Morumbi sem-

pre em dia. Com tudo isso, ela ainda encontra tempo para praticar vôlei, seu esporte favorito, jogando pelo time de veteranas do São Paulo. E, de vez em quando, coloca um par de luvas e botas e, também, pega no pesado. "Adoro as atividades ligadas à vida e à terra, ao nascimento das coisas. O meu equilíbrio vem da união das coisas que faço".

Casada, com dois filhos e três netos, dona Wanda pertence a uma família de são-paulinos fanáticos. "Meu marido é um torcedor tão fervoroso que quando o time joga não vai ao estádio para não se sentir mal", conta. "Ele é o maior fã do meu trabalho, se não fosse a sua colaboração eu não poderia ter assumido a diretoria, pois o São Paulo me toma totalmente", diz a paisagista que também se define como são-paulina roxa, sendo sócia do Clube desde 1960.

De seu apiário, em Juquitiba, ela colhe cerca de uma tonelada de mel por mês e faz questão de fazê-lo pessoalmente, assim como centrifugar e embalar o produto. "Volto toda cheia de picadas e feliz da vida", brinca.

Uma pessoa cheia de energia e que não carrega qualquer tipo de frustração, sua única tristeza é ver a destruição da natureza. "É horrível o que está acontecendo e o pior é que me sinto impotente diante dessa catástrofe". Em seu pequeno paraíso, com seis lagos, veados, lontras, pacas e tatus, ela conserva a mata natural, tendo desmatado apenas o espaço necessário para a construção da casa. "De vez em quando temos até problemas com os caçadores. Mas, pelo menos, aquele pedaço eu consigo preservar".

(VHR)



A área social está mais colorida. D. Wanda dispensa cuidados permanentes à vegetação do Clube.

VIDROS e CRISTAIS



Distribuidor Santa Marina e Providro
IMPORTAÇÃO

Projetos de instalações
e orçamentos

PBX: 299-2511

30
ANOS

- TEMPERADOS E LAMINADOS
- BOX PARA BANHEIROS
- ESPELHOS
- VIDRO ISOLANTE PROTESON
- U-GLASS
- MÃO DE OBRA ESPECIALIZADA

Rua dos Náuticos, 116 - V. Guilherme - São Paulo

Curso de Pintura

As pessoas que se interessam por pintura têm, agora, a oportunidade de aprender, ou aprimorar seus conhecimentos, dentro do Clube. Estão abertas as inscrições para os cursos da professora Sílvia Martins, com aulas às terças-feiras das 14 às 17h00 e, também, do professor Marcos Maurício Autran, às quartas-feiras no mesmo horário.

Ambos têm propostas de trabalho parecidas. O objetivo é que as pessoas dominem o código das artes plásticas com base na experimentação de técnicas e linguagens. Os alunos trabalharão com desenho, colagem, pintura e aprenderão, também, a fabricar os vários materiais utilizados, como guache, tinta a óleo etc. "Quando preparamos o material, fica-



A criatividade das alunas dos professores Marcos e Sílvia

mos mais íntimos dele, temos uma relação bem mais próxima com o trabalho", define a professora Sílvia.

Está previsto, ainda, paralelamente à prática, o ensino de história da arte para que as pessoas aprendam a apreciar uma obra de arte, ou, como eles dizem, "sensibilizar o ato de ver". Está, inclusive, planejada uma visita à Bienal deste ano. As propostas, contudo,

não são fechadas. "As pessoas, à medida que vão manipulando a linguagem, podem interferir no planejamento do curso. Tudo vai depender das necessidades e respostas do grupo", salienta o professor Marcos Maurício.

Para os que gostam de arte, as inscrições podem ser feitas na Gerência Social e o preço dos cursos é de 21 cruzados novos por mês.

Fotografia

Com o mesmo sucesso dos anos anteriores, foi realizado, nos dias 23 e 24 de agosto, no Salão de Festas, o terceiro curso de fotografia que a Kodak promove no Clube.

As aulas foram ministradas pelo professor Paulo Renato que, com projeção de slides e exposição de fotos premiadas, explicou os princípios básicos da fotografia, objetivando despertar nas pessoas o lado artístico dessa atividade mesmo quando praticada por amadores.

No final, houve sorteio de quadros e distribuição de folhetos explicativos e educativos sobre máquinas fotográficas.

Tarde de Beleza

Foi realizado no dia 8 de agosto, no Salão de Festas do Clube, o I Encontro de Beleza Feminina (fotos). Os objetivos foram: preparar a pele para o próximo verão, dar noções de estética facial, trazer novos

conhecimentos da área para tratamentos diários e, principalmente, entrosar as associadas com os diversos setores interessados na saúde do corpo e controle da mente. Patrocinaram o evento a Lady Jan -

Cosméticos; a Bon Ton - cama, mesa e banho; Rebel By-Roupas Esportivas e Roupas de Antílope e Couro-Magdalla Confecções. Essas empresas, durante o encontro, sortearam vários Kits.



Visita dos sócios ao Clube

Este recado é para o associado do São Paulo que não conhece as dependências do Clube.

Você sabia que há um guia turístico encarregado de ciceronear os visitantes do Tricolor? Pois existe. Este é um novo projeto do Departamento de Marketing, que consiste em trazer o associado para conhecer o Estádio, a sala de troféus, o novo visual do gramado, os vestiários e a administração, incluindo a sala da diretoria.

"Nesta visita, procuramos mostrar ao sócio todos os espaços do Clube.

Durante o trajeto, é contada a história do Morumbi, assim como as curiosidades que o cercam. A pessoa leva um folheto explicativo sobre o Estádio e, no final, ainda, ganha brindes", conta Orandi Mura, ou Nino, como é mais conhecido o guia turístico tricolor.

Para fazer essa visita, basta inscrever-se na Gerência Social, marcando horário, de manhã ou à tarde. O grupo pode ter no máximo 20 pessoas e este projeto é aberto, também, aos diversos setores do Departamento de Esportes Amadores.

Sauna Masculina

O local ideal para você, associado, manter a forma é a sauna masculina do São Paulo. Ela oferece vários tipos de serviços, como massagem, forno e ducha, além de um ótimo bar, onde são servidas bebidas variadas e frios.

Seu responsável, Luís Fernando César, tem todas as informações necessárias para que os frequentadores façam o melhor uso possível dos recursos disponíveis. "Na sauna, é recomendável ficar, no máximo, 15 minutos em cada uma,

já que possuímos dois tipos, a seca e a úmida", explica. "A massagem tem duração de meia hora e age como relaxante muscular". Segundo Luís Fernando, o forno deve durar 20 minutos e pode ser utilizado com parafina para redução de peso ou como auxiliar no tratamento das contusões. "Temos, também, a ducha que funciona como uma massagem terapêutica e ajuda na circulação sanguínea. Seu tempo ideal é de cinco minutos", conclui.

A sauna tricolor, que tem como diretor o dedicado Antônio de Oliveira Rego, dispõe, ainda, de um massagista bastante experiente. Geraldo Alves da Silva tem 18 anos de profissão e já trabalhou, por vários anos, no Atlético Mineiro e Cruzeiro.

Atualmente, ela recebe uma média de 30 pessoas por dia e está aberta de quarta a sexta-feira, das 18 às 22h00, sábados, das 15 às 19h30, e aos domingos das 8 às 14h00.

ATLETISMO

Wanda, Campeã Mundial !

Nossa atleta bate o recorde mundial de seniores, nos 300 m com barreiras.



Wanda, uma freqüentadora dos pódios.



A confraternização das veteranas

Wanda dos Santos, recordista sul-americana na corrida com barreiras, acaba de bater mais um recorde mundial. Competindo como representante do Brasil e do São Paulo FC no VIII Campeonato Mundial de Veteranos, no Oregon, EUA, ela fez o tempo de 55 segundos e 4 centésimos nos 300 metros com barreiras, nova marca mundial para atletas veteranos.

As provas, disputadas na Universidade de Oregon, ocorreram entre os dias 25 de julho e 6 de agosto último. Além do primeiro lugar na modalidade dos 300 metros com barreiras, Wanda dos Santos obteve a terceira colocação nos 80 metros livres, com 14 segundos e 40 centésimos, e a terceira colocação no salto em distância, com 4 metros e 14 centímetros.

Wanda dos Santos iniciou sua carreira cedo, com 14 anos, na SE Palmeiras, em 1946. No ano seguinte, tornou-se atleta Tricolor, onde permaneceu por, aproximadamente, 20 anos. Treinada por

Dietrich Gerner, ganhou vários títulos, como o recorde sul-americano, nas Olimpíadas de Helsinque em 1952, dos 80 m com barreiras, com o tempo de 11s03.

"O Dietrich era um grande treinador. Ele pregava a disciplina dentro e fora das pistas, assim como a obediência aos treinamentos", afirma saudosa. Em 1967, com a saída de Dietrich, Wanda também afastou-se do Clube, voltando em 68 juntamente com ele. E foi neste ano que sofreu uma contusão no tendão de Aquiles, fazendo com que - por orientação médica - abandonasse (temporariamente) a prova de sua especialidade: os 80 m com barreiras.

Em 1978, Wanda voltou a competir,

agora na prova dos 100 m com barreiras (antigo 80 m) a convite do técnico Paulo Rezende, nos Jogos Abertos do Interior, em Tupã (SP). Não deu outra: foi a grande campeã, com o tempo de 16s05.

No ano seguinte, integrou-se à equipe de veteranos do São Paulo (onde continua até hoje), trazendo ao Clube muitas alegrias e vários títulos, como o Campeonato Mundial em Porto Rico, em 85; campeã olímpica na Olimpíada de Toronto, Canadá, em 86; campeã no Sul-americano na Argentina, em 87; campeã dos Jogos Pan-americanos no Chile, em 88 e campeã mundial, neste ano, em Oregon, sempre nos 80 m com barreiras e no salto em distância.



Wanda, a alegria de competir.



FÁB. BRASILEIRA DE ADESIVOS LTDA.

Fabricante de fitas adesivas
comercial - industrial - escolares
e para embalagens
Tel.: 494-5511 - 542-3474

ATLETISMO

Estamos mais fortes

Nossos corredores acabam de receber um grande apoio: o patrocínio Filsan.

A equipe de atletismo do São Paulo está mais forte, pois acaba de ganhar o reforço da Filsan Equipamentos e Sistemas S/A. A partir de agora, a empresa passa a patrocinar os corredores José João da Silva e Diamantino Silveira dos Santos.

Os dois atletas, sob orientação do técnico Carlos Gomes Ventura, o Carlão, estão em plena fase de preparação para a tradicional corrida de São Silvestre, que se realiza todos os anos no dia 31 de dezembro.

No momento, José João treina na Suíça, devendo iniciar as competições dentro de quinze dias; e Diamantino já começou a brilhar em solo europeu, vencendo várias provas na Itália.

No último dia 31 de julho, na Pedestre Internacional-Cidade de Palermo, Gaúcho (como é chamado Diamantino) obteve o segundo lugar, na distância de 10.500 m, perdendo para o italiano Salvatore Antibo, recordista mundial dos 10.000 m, que fez o tempo de 31'20 contra 31'25 do corredor brasileiro.

Já na cidade de Bari, no dia 6 de agosto, Diamantino superou os demais participantes e foi o campeão da Tran-Bari, de 12.200 m, com o tempo de 36'34, superando o queniano Kipsang, que chegou em segundo lugar.

E para coroar sua brilhante temporada europeia, Gaúcho venceu, dia 13 de agosto, a consagrada prova de montanha de Milianico, na distância de 18 km, competindo com os melhores fundistas do



Diamantino: excelentes resultados na Itália.

mundos. Fez 54 minutos cravados e deixou para trás o americano Ken Martin e o marroquino Mustafá, respectivamente, primeiro e segundo colocados. E não parou por aí. Obteve a 8ª colocação, dia 19 de agosto, na prova Amatrice Cofigno, na distância de 8,5 km e, no dia seguinte, venceu a corrida de Catânia, na cidade

de Piemonte, com o tempo de 26'41, percurso de 9.300 m. O segundo lugar ficou com Kipsang, do Quênia, e o terceiro para Nicosia, da Itália.

Esses resultados vêm provar a grande fase do atletismo tricolor e o ótimo investimento que acaba de realizar a Filsan Equipamentos e Sistemas S/A.

PATINAÇÃO

Contusão tira medalha de Luciane

A patinadora Luciane Salinas do São Paulo FC tem apenas 18 anos mas já se destaca entre as melhores atletas brasileiras na modalidade da patinação artística. Suas conquistas, este ano, foram das mais expressivas, começando pelo Vice-Campeonato Paulista, obtido em maio último, no torneio realizado no ginásio da Portuguesa de Desportos, em São Paulo. A seguir, em junho, em competição no Clube de Regatas Santista, Luciane Salinas conquistou o terceiro lugar, uma colocação honrosa para quem enfrentava problemas de saúde. Em julho último, novamente os problemas de contusão alijaram do Campeonato Brasileiro de Seniores, em Campo Bom, no Rio Grande do Sul, a nossa patinadora artística. Rodolfo Cabral, diretor de Patinação do São Paulo, e um dos grandes incentivadores de Luciane, foi quem mais lamentou o impedimento de nossa bela atleta. "Ela tinha chances de conquistar, no mínimo, uma medalha de bronze".



Luciane, destaque da patinação artística tricolor.

MICAIL SCHAHIN

IMÓVEIS & SEGUROS

FONE (KS):

222-0722

Rua 24 de Maio, 276
10º andar - CEP 01041
São Paulo - SP

NATAÇÃO

Vencemos mais um interclubes

A natação tricolor continua em alta. Os atletas César Kodama, Fábio Grandinetti, Luciano Neves e Felipe Pita terminaram a prova de revezamento 4x100 livre em 12º lugar, num total de 26 equipes, no VI Campeonato Brasileiro de Inverno de Natação, realizado em Goiânia, nos dias 19 a 22 de julho.

Para o coordenador da seção de natação, Amílcar Pappiani, "o resultado obtido por nossos nadadores foi ótimo pois não esperávamos que tantos atletas fossem participar da competição e com um nível tão bom".

Neste semestre, a equipe deverá estar presente em cerca de 20 competições oficiais, sendo que o objetivo é melhorar - ainda mais - os índices e resultados obtidos nos primeiros seis meses de 89.

"A nossa equipe - composta por 69 atletas - já concorreu em 244 provas de nível, neste ano, sendo conquistadas 74 medalhas de ouro, 68 de prata e 55 de bronze. Um belo resultado", explica



69 atletas competindo pelas cores do São Paulo

Amílcar.

Somando-se todas as provas disputadas, os 69 atletas do Tricolor concorreram contra 5.630 atletas dos mais diversos clubes e escolas de natação, num total de 18 competições e 251 agremiações.

Mas o São Paulo não pára por aí. No último dia 19 de agosto, ganhou mais um título. Conquistou o Campeonato Interclubes, realizado no Alphaville Tênis Clu-

be, com uma equipe de 28 atletas. Participaram da competição, além do Tricolor, o anfitrião Alphaville Tênis Clube, Círculo Militar, Banco do Brasil e a Escola de Natação Trampolim.

O coordenador Amílcar, com o objetivo de desenvolver ainda mais a natação do São Paulo, está efetuando, juntamente com toda a seção, algumas mudanças técnicas para propiciar ao Clube maior força na Federação Paulista. "Isso está sendo possível porque a Diretoria do São Paulo está nos dando um apoio muito grande, financiando, inclusive, nossa viagem a Goiânia, na ocasião do Campeonato Brasileiro de Inverno", afirma. Pappiani promete, ainda, muito trabalho para que, neste semestre e em 1990, a natação continue a brilhar em todas as categorias e possa participar do Brasileiro de Verão.

E se você gosta de nadar e tem entre 7 e 13 anos, procure a natação do Clube. As inscrições já podem ser feitas, de manhã ou à tarde, com o professor Sílvia Lima e as aulas começam em outubro.

SINUCA

A fina arte do taco

Com uma bola de bico. Foi assim que Hélio Roberto Mendes Cornélio derrotou Flávio Boleiz na Final do IV Campeonato Interno de Sinuca, realizado dia 18 último, no Salão de Festas do Clube. Hélio - que foi vice da categoria B em 88 - sagra-se, agora, campeão da categoria A. Flávio, além do vice-campeonato, ganhou também o título de jogador mais regular entre os adeptos da sinuca. Em quatro campeonatos realizados, disputou todas as finais, sendo três vezes vice.

Na categoria B, o campeão foi Walmi Costa, que derrotou Olindo Camperlingo numa disputa de melhor de 7 (sistema uti-

lizado nas duas categorias). Walmi e Olindo adquiriram - ao chegar nas finais - o direito de disputar a categoria A em 90. Na opinião de José Carlos Caporal, Diretor-Adjunto da Sinuca, "chegaram às finais, realmente, os melhores jogadores".

"Este campeonato foi muito bom. Introduzimos algumas mudanças, como o Torneio Classificatório, ou Pré-Qualify, onde selecionou-se os jogadores para as determinadas chaves. Antes, escolhíamos 'à orelha' ". Assim definiu Ademir Fizzolli, o Pizza, juiz da grande final, coordenador do Torneio, colaborador da seção e grande jogador da modalidade. Ele só não ficou muito contente com seu desempenho. Terminou na 9ª colocação.

Na festa de encerramento - que foi finalizada com um coquetel - foram premiados os dez melhores de cada categoria, com um troféu simbolizando as 8 bolas da sinuca. E os dois primeiros colocados receberam um troféu representando a mesa do esporte. Para abrilhantar ainda mais a noite, que contou com as presenças dos diretores Paulo Elysio de Andrade, Osvaldo Vieira de Abreu, José Alarcão e esposa, D. Rosali, e Edson Francisco Lapolla, Diretor de Esportes Amadores e homenageado com um troféu - o campeão brasileiro de sinuca, Carioca, aceitou o "desafio" de Hélio e o enfrentou numa partida melhor de três. O campeão tricolor bem que se esforçou, mas não teve jei-

to: deu Carioca, 2 a 1.

Passado o IV Campeonato, a atenção do departamento volta-se ao Interclubes. Para isso, o São Paulo disputou o Torneio Início entre os dias 8 e 17 de agosto, terminando entre os quatro primeiros lugares.

Antecedendo o Interclubes, haverá o Pré-qualify, onde serão conhecidos os clubes que irão para a chave A ou B do Torneio. Assim, as 16 equipes foram divididas em quatro chaves de quatro, indo duas primeiras de cada grupo para a turma A (ou ouro) e as duas restantes para a B (ou prata). O sistema de disputa é o de todos contra todos, classificando-se dentro da própria chave.



Olindo Camperlingo e Walmi Costa, respectivamente, vice e campeão da categoria B.



O vice-campeão Flávio Boleiz e o campeão Hélio Roberto Mendes, vencedores da categoria A.

TÊNIS

Estamos montando o Maior Torneio do Brasil

O I Torneio Aberto de Tênis do São Paulo FC começou este ano com sucesso.

Estamos trabalhando para que seja em dois ou três anos o mais importante do Brasil.

E stá nascendo um grande torneio que, num futuro bem próximo, deverá fazer parte dos planos de todo tenista de elite do Estado e, quem sabe, até do Brasil. No último dia 19 de agosto, teve início o I Aberto de Tênis do São Paulo que foi idealizado para ser um dos maiores e melhores do gênero.

Condições para isso não deverão faltar, uma vez que, além de toda infra-estrutura esportiva tricolor, conta ainda com o patrocínio do Bradesco S/A.

Mais de 60 agremiações entre clubes e academias participam do evento até o próximo dia 23 de setembro, data prevista para o encerramento, vindas não só da Capital, mas também de cidades do Interior como Bauru, Presidente Prudente, São Bernardo, Jundiaí. O número de atletas ultrapassou a barreira dos 600, dos quais pelo menos 200 são do São Paulo. "Isso demonstra que não somos um Clube só de futebol, mas uma agremiação poliesportiva de alto nível", salienta o diretor-adjunto da Seção de Tênis, Alberto Joaquim Martins.

Organização - Após o sucesso do Campeonato Interno, realizado no primeiro semestre deste ano, com a participação de mais de 200 tenistas, a expectativa é que esse torneio tenha uma organização perfeita e que seja marcado pelo profissionalismo em todos os sentidos. "Esperamos que ele passe a fazer parte do calendário da Federação Paulista e de todos os grandes tenistas, tornando-se de suma importância na carreira dos atletas", define Alberto Martins.

Para atingir esses objetivos, os organizadores não mediram esforços e, com a participação do Bradesco, fizeram tudo para que as coisas saíssem irrepreensíveis. Foi com esse espírito que trabalharam, durante 45 dias, as 25 pessoas ligadas ao Tênis, mais a Diretoria e o Departamento de Marketing. "Pretendemos realizar a cada ano um torneio maior e, assim, o

primeiro vai nos trazer muita experiência", diz o diretor do Tênis tricolor. "Além disso, teremos a imagem dos tenistas do Clube fortalecidas e eles ainda terão a oportunidade de fazer uma reciclagem em relação aos atletas de outras agremiações".

Durante a preparação do campeonato, as tarefas foram mapeadas e divididas, mas, nos preparativos finais, já não havia função específica, todos se desdobraram para que o torneio saísse impecável. "Trabalhamos muito e estamos felizes porque a resposta superou as nossas previsões. Tivemos mais de 700 inscrições, o que demonstra a penetração do nome do São Paulo junto à comunidade esportiva do Estado", explica Alberto Martins.

A festa do Tênis - A abertura do Torneio, no último dia 19, foi uma demonstração do que promete ser essa competição, ou seja, um evento dos mais representativos para o Clube e que, seguramente, trará muitos frutos a todos os participantes.

O acontecimento contou com a participação de várias personalidades ligadas ao Tricolor e, também, ao Bradesco, patrocinador do evento.

A solenidade foi aberta oficialmente pelo Gerente Social, Valdo Braga, com o hasteamento das bandeiras Brasileira, Paulista, do Clube, da Federação Paulista e do Bradesco; execução do Hino Nacional, pelo organista, Paulo Freire; e desfile de atletas representando as 60 agremiações participantes. O juramento do atleta foi feito pelo tenista Eugênio Gambassi, exaltando os mais altos princípios esportivos.

Presente ao acontecimento, o Diretor de Esportes Amadores, Edson Francisco Lapolla, frisou que esse primeiro torneio de tênis será um marco para o São Paulo. "Fruto do trabalho de todos, o evento demonstra que o Tricolor dedica-se,

também, ao esporte amador e mostra a preocupação da Diretoria com todas as modalidades do Clube".

Do Bradesco, estavam o Gerente de Marketing, Carlos Fabres, o Sub-Gerente de Eventos, Roberto Amaral, e o Diretor-Técnico, Kazuhiro Yano, que destacou a impecável organização da festa. "O São Paulo está de parabéns". O diretor falou, também, sobre a participação do Bradesco no campeonato. "Com esse patrocínio, o Bradesco está incentivando o esporte amador, propiciando lazer e exercendo uma função social, não levando em conta o aspecto comercial", justificou Yano que completou: "Estamos também fortalecendo os antigos laços de amizade que existem entre São Paulo e Bradesco".

Para fazer jus à grandiosidade da competição, foi pensado um troféu à altura, totalmente diferente dos convencionais. É uma raquete de Tênis sobre uma base com o logotipo da competição e a marca do Bradesco toda feita em acrílico preto, branco e dourado.

O campeão e vice de cada categoria receberão troféus e haverá uma premiação em dinheiro aos tenistas da primeira classe, masculina e feminina.

O torneio foi aberto somente a atletas federados das cinco classes mais principiantes, na categoria masculina; e quatro classes e principiantes, na feminina. Os jogos estão acontecendo de terça a sexta-feira a partir das 18h00 e aos sábados, domingos e feriados começam às 8h00, nas quadras do Morumbi. "Estou orgulhoso de fazer parte da Diretoria do São Paulo e de estar recebendo todo o apoio para realizar um evento dessa envergadura", salienta o diretor da Seção de Tênis, Alberto Joaquim Martins. "Já estamos pensando no segundo torneio, que deverá ser ainda maior. Esperamos continuar contando com o apoio do nosso patrocinador, Bradesco, o que é fundamental para levarmos adiante esse projeto".



Um troféu especial para o campeão do torneio

FUTEBOL SOCIAL / MENORES

Uma Excursão Vitoriosa

Em 32 jogos na Escandinávia, ganhamos 21, empatamos 2 e perdemos 9.

Terça-feira, dia 8 de agosto. Manhã movimentada no Aeroporto Internacional de Cumbica. Muita expectativa na área reservada a desembarques internacionais. O motivo? O São Paulo FC volta de mais uma excursão vitoriosa ao Exterior. Desta vez, porém, não se trata da equipe profissional de futebol, e sim do dentão (infanto-juvenil), que disputou cinco torneios na Escandinávia (dois na Suécia, um na Finlândia, um na Dinamarca e um na Noruega) no mês de julho e início de agosto e venceu o Dana Cup, na Dinamarca.

Em pouco mais de um mês, o Tricolor realizou 32 jogos, obtendo 21 vitórias, dois empates e nove derrotas. Uma campanha excelente em se tratando de uma equipe de sócios, e não uma seleção do Clube. "Essa viagem foi de uma importância incrível. Levamos uma equipe com pouca experiência; contudo, os meninos foram muito bem. Sem falar no intercâmbio, que é fundamental", argumenta Waldir Albieri, Conselheiro do Tricolor e técnico da equipe, endossado pelo diretor de futebol Edgard Falango. Para o Diretor de Esportes Amadores do Clube, Edson Lapolla, o resultado obtido está dentro do esperado. "O aspecto esportivo



era um de nossos objetivos. A convivência, a cultura, a união do grupo era até mais importante. Se fôssemos ao Exterior somente para conseguir resultados de vulto, levaríamos uma seleção, o que não foi o caso".

No Torneio Dana Cup, que foi vencido pelo Tricolor, participaram cerca de 5.000 atletas, divididos entre todas as categorias. O São Paulo fez nove jogos, com sete vitórias, um empate e uma derrota. Marcou 29 gols e sofreu apenas um. Uma campanha considerada excelente.

Segundo Waldir Albieri, uma das maiores dificuldades enfrentadas pelo time foi o fato de o São Paulo disputar cinco torneios, o contrário da grande maioria dos outros times. "Apesar de termos feito um trabalho físico específico, os garotos não têm um condicionamento diário, como equipes profissionais ou seleções". Ele explica, no entanto, que o time soviético Dínamo, de Kiev, tem um condicionamento físico incrível, mas taticamente não é hábil.

Outro problema encontrado foram os jogos em campo de terraço. "Se você cai num campo desses, se rala todo", conta Alexandre Tormitão, o Xanxão, jogador da equipe, que marcou nove gols. Outro



O time formado no Estádio de Estocolmo

Esportes Amadores



Treino no Ginásio, em Gottenburgo.



Nossas cores na Escandinávia



Os meninos, numa praça de Estocolmo.



No bonde, em Gottenburgo.

detalhe foi a locomoção do grupo em dias de jogos. "Lá não tem mordomia. Os organizadores nos davam o programa com os jogos e os locais. Aí, tínhamos que nos virar com transportes coletivos", explica Albieri. Isso fazia com que os jogadores ficassem cansados, pois eram obrigados a sair muito antes do início das partidas, graças a uma certa dificuldade em achar o local exato das competições.

Um fator que influenciou bastante no rendimento da equipe além de alguns campos em péssimo estado - foi que muitos times sul-americanos tinham "gatos" em seus times. Gato, no futebol, significa usar jogador com mais idade numa equipe menor, falsificando os documentos.

"Se você tiver 30 anos de idade, mas na sua carteira de identidade constar 18 anos, eles (os europeus) não duvidam", afirma Lapolla. Waldir conta que um jogador da E.F.Tauichi (Bolívia) tinha - certamente - mais de 20 anos, porém jogou contra o São Paulo. "Não adianta reclamar. Eles acreditam muito na pessoa. Se ele disse que tinha 16 anos, e não 20, pára por aí. Valorizam muito o lado humano".

Outra dificuldade foi com a alimentação, bastante prejudicada pelo fato do time disputar muitos torneios e, às vezes, num só dia fazer até 3 jogos. Sanduíches, sorvetes e refrigerantes foram os grandes companheiros da molecada. "Evidentemente que algumas consequências iam

aparecer. Durante a viagem três intoxicações alimentares foram diagnosticadas, mas sem gravidade", diz o médico da delegação, dr. Ricardo Abdo. Ele lembra ainda que não houve nenhuma contusão mais séria.

Tanto jogadores como comissão técnica acharam que a organização foi fundamental para que esses torneios obtivessem sucesso. "O roteiro foi seguido conforme o previsto e não houve qualquer problema", salienta Waldir.

Apesar de o São Paulo ter ganho o Dana Cup, para jogadores e técnicos, o Clube teve seu melhor desempenho no Gothia Cup, em Gottenburgo. A equipe foi eliminada na 5ª partida, após perder para o time boliviano Tauichi, a equipe dos "gatos". Os garotos foram tão bem nessa campanha que já receberam convites para voltar em 90. Ingleses e suecos

demonstraram interesse em ter os brasileiros jogando em seus gramados.

De acordo com Waldir, os principais objetivos foram cumpridos: a união entre o grupo e a difusão cultural. Segundo ele, nem em cinco anos de escola os garotos aprenderiam o que foi adquirido com a viagem. "O contato entre os povos é muito importante. Há uma disparidade muito grande entre o Brasil e a Europa. Só para se ter uma idéia, na Finlândia, numa avenida parecida com a 23 de Maio, basta o pedestre colocar o pé na faixa e todos os carros - estejam como estiverem - param instantaneamente. Sem falar na poluição, que é zero", conclui.

Para 90, há planos para se levar duas equipes ao Exterior. "Quanto mais vezes formos e quanto melhores os resultados obtidos o patrocínio virá mais facilmente, sem dúvida", encerra Lapolla.

SOMOS UMA LEGIÃO DE CONSUMIDORES

Se você quer falar aos sãopaulinos, anuncie em **São Paulo Notícias**, a revista oficial do São Paulo FC.

DISQUE ANÚNCIO - 842-2755

Depto. de Marketing.



FUTEBOL SALÃO/ADULTOS

A Caminho do Metropolitano

O futebol de salão tricolor caminha a passos largos para disputar o Metropolitano no ano que vem. Para isso, jogadores e comissão técnica vêm realizando um excelente trabalho. Depois de chegar à final do Torneio Independência da Armênia, a equipe sagrou-se, durante o mês de agosto, vice-campeã do XVII Torneio de Inverno de Embu-Guaçu, que reuniu 32 clubes.

A base da equipe é Paulo (goleiro); Repa (fixo); Renato e Agnaldo (alas) e o pivô Serginho. Completam o time: Zanfa, Aguiar, Luisinho, Feijão, Reina, Ratão e Magrão. O São Paulo disputou 11 partidas, obtendo 6 vitórias, 2 empates e três derrotas, marcando 33 gols e sofrendo 15. O artilheiro tricolor foi Agnaldo com 9 gols e o goleiro Paulo foi o menos vazado da competição com 10 gols.

O técnico é o experiente Serafim de Sá e a comissão técnica é composta pelo preparador físico Renato Fernandes, o massagista Dorival Ferreira e o assessor de diretoria Antônio Carlos Ramunno. Todos afirmam receber total apoio do Diretor-Adjunto, Sérgio Bertero, e do Diretor de Esportes Amadores, Edson Francisco Lapolla.

No último dia 10 de agosto, jogadores e comissão técnica foram homenageados com uma churrascada e receberam medalhas pela excelente participação da equipe no Torneio de Embu-Guaçu, além do troféu pelo vice-campeonato.

Interclubes - A Federação Paulista de Futebol de Salão está promovendo o 1º Torneio Interclubes, nas dependências do Tricolor. A competição está sendo disputada pelo São Paulo, Corinthians, Sítio, Penha e Círculo Militar, numa chave; e Palmeiras, Hebraica, Espéria, Rhomes e Ribeirão Pires, na outra.

Para o diretor Sérgio Bertero, o objetivo é um só: "retornar à divisão espe-



O belo troféu conquistado no torneio de Embu-Guaçu

cial no ano que vem. Vamos fazer algumas contratações de peso, para nos nivelarmos às grandes equipes. Estamos recebendo convites para jogar no Interior, pelo menos duas vezes por mês, o que comprova a grande categoria de todos", observou.

Alguns jogadores já estão sendo contratados. "Muitos atletas querem jogar no São Paulo. Ainda mais agora, sabendo que o tricolor vai retornar à divisão especial", afirmou o técnico Serafim de Sá.

Sérgio Bertero está confiante no sucesso da equipe. "Esperamos que o nosso Presidente Juvenal Juvêncio e o Diretor de Esportes Amadores, Edson Francisco Lapolla, fiquem satisfeitos com o trabalho que esta brilhante comissão técnica vem desenvolvendo em nome do São Paulo", ressalta. "O nosso patrono, sr. Moury Pereira Santos, personagem muito querida por todos nós, acreditou desde o início no nosso trabalho. Contamos também com a colaboração do professor Carlos Gomes Ventura, que também é nosso patrono esportivo. E, finalmente, não poderíamos nos esquecer do patrono eterno, que iniciou junto com a atual diretoria todo esse trabalho. Théofilo de Oliveira Castro Filho será sempre lembrado", finalizou Bertero.

O Diretor de Esportes Amadores, Edson Francisco Lapolla, analisou o atual estágio do time. "Como tenho que me preocupar com os esportes amadores em geral, não posso assistir a todos os jogos desse brilhante time que está sendo formado. Lutei muito para que o São Paulo voltasse a ter uma equipe competitiva de futebol de salão", lembra. "Quando paramos com esse esporte, eu era o diretor. Agora, estamos começando a fazer campanhas excelentes. O São Paulo é futebol, mas também é clube e tem condições de manter um grande time, junto com uma eficiente comissão técnica. Fiquei emocionado com o lindo troféu conquistado no Torneio de Embu-Guaçu. Todos estão de parabéns", concluiu Lapolla.



José Francisco Alarcão, Diretor Social; Edson Francisco Lapolla, Diretor de Esportes Amadores; Sérgio Bertero, Diretor-Adjunto de Futebol de Salão; e o patrono do time, Moury Pereira Santos.

CONCAK

Arquitetura Administração e
Comércio Ltda. F. 544-2911

COBRASP

Companhia de Obras
de São Paulo Ltda.
Av. Indianópolis, 380 - SP.
Fone.: 544-2911
Arquiteto
Carlos Alberto Kherlakian

CAMPEÃO PROCURA PRODUTOS IDEM.



O S. Paulo F.C. procura produtos campeões, ou com vocação de campeões, para lhe fazer companhia. Para tanto, não é preciso pagar nada. Ou quase nada. Agora, a legislação beneficia quem investir em esporte amador.

Assim, quem fizer companhia ao S. Paulo F.C. beneficia-se quatro vezes: com a legislação; com a força da marca tricolor; com a credibilidade que o Clube possui junto ao consumidor; e com a companhia de um campeão. No S. Paulo F.C. você pode escolher onde investir. Atletismo? O S. Paulo F.C. tem.

Judô?

É com o S. Paulo F.C. também.

Tênis?

É claro que o S. Paulo F.C. tem.

Como tem voley, basquete, natação, futebol de campo, futebol de salão, rugby, ginástica, sinuca, patinação.

Para ambos os sexos.

Para todas as idades.

É só você escolher aquela modalidade que vai melhor com o seu produto.

Pedir um projeto para o Departamento de Marketing.

O telefone é 842-3377.

É correr para os braços do consumidor.

Invista no São Paulo Futebol Clube
a marca que vende



CARTÃO DE CRÉDITO BRADESCO



O BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO
DESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO
O BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO
DESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO
O BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO
DESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO
O BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO
DESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO
O BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO
DESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO
O BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO
DESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO
O BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO
DESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO BRADESCO

0000 020 123 456



O Cartão que decide.



Decide nos hotéis.



Decide nas lojas.



Decide nas empresas de viagens.



Decide nos restaurantes.

Com o Cartão de Crédito Bradesco, você é bem recebido em milhares de estabelecimentos comerciais em todo o Brasil, como hotéis, lojas, restaurantes, locadoras de automóveis, empresas de viagens entre outros. E você tem efetivamente até 40 dias para pagar, sem juros. O Cartão de Crédito Bradesco facilita sua vida e aumenta seu poder de decisão, com agilidade e segurança.

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2026



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ